



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

FRANCISCA NATÁLIA FELIX

**O CONCEITO PAISAGEM NOS CONTEÚDOS ESCOLARES DA GEOGRAFIA:
PERCEPÇÕES DOCENTES E DISCENTES**

CAJAZEIRAS – PB

2014

FRANCISCA NATÁLIA FELIX

**O CONCEITO PAISAGEM NOS CONTEÚDOS ESCOLARES DA GEOGRAFIA:
PERCEPÇÕES DOCENTES E DISCENTES**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Geografia, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG), como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Geografia.

Professor Orientador: **Prof^a. Ms.Hercília Maria Fernandes**

CAJAZEIRAS-PB

2014

FRANCISCA NATÁLIA FELIX

**O CONCEITO DE PAISAGEM NOS CONTEÚDOS ESCOLARES DA GEOGRAFIA:
PERCEPÇÕES DOCENTES E DISCENTES**

Monografia aprovada em: _____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^aMs. **Hercília Maria Fernandes** – Orientador
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^oMs. **Aldo Gonçalves de Oliveira** – 1º Examinador Titular
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^a. Ms. **Ednaura Almeida de Araújo** – 2º Examinador Titular
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^o. Dr. **Marcelo Henrique Brandão** – 1º Examinador Suplente
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^o. Ms. **Henaldo Moraes Gomes** – 2º Examinador Suplente
Universidade Federal de Campina Grande

Penetrar nas representações é compreender o espaço tanto através dos processos visíveis, quanto por meio dos aspectos míticos dos lugares, e a paisagem pode ser fundamental nesta conexão obrigatória entre pensamento e imagem.

Caio Augusto Maciel

À minha mãe Fátima, ao meu pai Miguel e ao meu esposo Wagner, pelo apoio em todos os momentos e decisões da minha vida.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por estar ao meu lado sempre e por permitir que esse momento tão importante na minha vida aconteça.

À minha família, por estar sempre do meu lado, em especial minha mãe, pela força e confiança que tem me dado.

Ao meu esposo, por estar presente na minha vida e por ajudar nos momentos difíceis.

A todos os professores do curso de Geografia, por contribuírem com a minha formação, e, em especial, à minha orientadora do curso de Pedagogia, professora Mestra Hercília Maria Fernandes, por ter me aceitado para orientação, por confiar em mim e me ajudar nessa última etapa do curso, com muita paciência e dedicação ao meu trabalho.

A todos os meus amigos que caminharam juntos comigo nessa jornada, pelos momentos alegres e tristes que vivemos juntos, como também pelo carinho e apoio que tem me dado.

Ao corpo docente e à coordenação da Escola Dr. Jarismar Gonçalves Melo, em especial às duas professoras que abriram suas salas de aula para que eu pudesse realizar a pesquisa que possibilitou este trabalho.

RESUMO

O trabalho discute o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir da análise da categoria geográfica “paisagem” nos conteúdos escolares do livro didático da disciplina Geografia, utilizando-se da observação e aplicação de questionários tanto para professores como para alunos. A pesquisa foi realizada com alunos do 5º Ano de duas turmas, da Escola de Ensino Fundamental Dr. Jarismar Gonçalves Melo, localizada na cidade de Ipaumirim, Ceará. O primeiro capítulo teoriza o conceito de paisagem na construção do conhecimento geográfico, como também a paisagem como instrumento de análise da geografia. O segundo capítulo aborda a paisagem no ensino, inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nos livros didáticos. O terceiro e último capítulo analisa o conceito paisagem no espaço escolar, buscando refletir as percepções docentes e discentes sobre a temática, a partir da análise das observações realizadas e dados coletados em questionários. Os resultados da pesquisa demonstraram que o conceito paisagem é pouco explorado nos conteúdos escolares da disciplina Geografia, no cotidiano escolar do ensino fundamental. Haja vista que os professores, segundo observação realizada em *locus*, parecem priorizar o ensino de português e matemática. Entretanto, professores e alunos, sujeitos de pesquisa, reconhecem, através dos depoimentos coletados durante a investigação, a importância da Geografia e do conceito paisagem nos anos iniciais do ensino fundamental.

PALAVRAS CHAVE: Ensino de Geografia. Paisagem. Conteúdos Escolares.

ABSTRACT

The paper discusses the teaching of Geography in the early years of elementary school, from the analysis of the "nature" category in school geographical content geography discipline, using observation and questionnaires for both teachers and pupils. The survey was conducted with students in the 5th year of two classes, the Elementary School Dr. Jarismar Gonçalves Melo, located in Ipaumirim, Ceará. The first chapter theorizes the concept of landscape in the construction of geographical knowledge, but also the landscape as an analytical tool. The second chapter covers the landscape in education, entered the National Curricular Parameters (PCN 's) and in textbooks. The third and final chapter examines the concept of landscape in the search space, trying to reflect the perceptions of teachers and students on the topic, from the analysis of the observations and data collected in questionnaires. The research results show that the landscape concept is underexplored in school subject contents Geography, at school elementary school. Considering that teachers second observation made in the locus seem to prioritize the teaching of Portuguese and mathematics. However, teachers and students, research subjects, recognize, through the testimonies collected during the investigation, the importance of geography and landscape concept in the early years of elementary school.

KEYWORDS: Teaching of Geography. Landscape. Items School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 CONCEITO DE PAISAGEM NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	
GEOGRÁFICO.....	13
1.1 A PAISAGEM COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE.....	18
1.1.1 A paisagem a partir da observação, análise e interpretação nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	19
1.2 A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR.....	22
2 A PAISAGEM NOS CONTEÚDOS ESCOLARES.....	29
2.1 A PAISAGEM NOS PARÂMETROS CURRICULARES.....	30
2.2 O PROFESSOR E A PAISAGEM NO ENSINO GEOGRÁFICO.....	32
2.3 A PAISAGEM INSERIDA NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	35
2.4 O ALUNO, O PROFESSOR E A PAISAGEM EM SALA DE AULA.....	38
3 O CONCEITO PAISAGEM NO ESPAÇO DA PESQUISA: PERCEPÇÕES	
DOCENTES E DISCENTES.....	42
3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS SALAS DE AULAS PESQUISADAS.....	44
3.2 O CONCEITO PAISAGEM NA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS DISCENTES.....	46
3.3 O CONCEITO PAISAGEM NA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS DOCENTES.....	50
3.4 ALGUMAS IMPRESSÕES ACERCA DAS PRÁTICAS DOCENTES OBSERVADAS EM SALA DE AULA E DOS DADOS FORNECIDOS PELOS DISCENTES.....	56
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
APÊNDICES.....	71

INTRODUÇÃO

As transformações que vêm ocorrendo na sociedade e principalmente no âmbito da educação exigem dos professores um grande esforço no sentido de alcançar o objetivo almejado, que é uma aprendizagem significativa, como também dos alunos, pois ambas as partes fazem parte do ciclo de ensino e aprendizagem.

As mudanças e debates recentes acerca da Geografia como ciência repercutiram profundamente no ensino fundamental. Por um lado, estimularam a inovação e a produção de novos modelos didáticos. Por outro, a rápida incorporação das mudanças provocou a produção de inúmeras propostas didáticas sem que houvesse uma relação concreta com a prática pedagógica em sala de aula, levando o professor dos anos iniciais, apesar das mudanças conceituais em curso, a ensinar Geografia seguindo métodos tradicionais que não conduzem o aluno à reflexão.

O professor deve alfabetizar os alunos em relação à disciplina Geografia, pois esta disciplina orienta as diferentes formas de leitura e interpretação do espaço geográfico. Considera-se, assim, que a categoria paisagem precisa ser trabalhada em sala de aula de forma contextualizada, desenvolvendo o processo de aprendizagem dos alunos. Apesar da paisagem, nos conteúdos do livro didático se apresentar de forma, as vezes, não muito clara, no que concerne à linguagem e à qualidade, de um modo geral, o professor deve procurar fazer o melhor trabalho possível, observando os erros e procurando corrigi-los, pois a paisagem é um conceito que auxilia o entendimento dos conteúdos escolares da geografia.

A Geografia tradicional se baseia em procedimentos didáticos adotados que promovem principalmente a descrição e a memorização dos elementos que compõem as paisagens sem, contudo, esperar que os alunos estabeleçam relações, analogias ou generalizações. Desta forma, o ensino da geografia não deve ser centrado apenas na descrição empírica das paisagens, tampouco pautado exclusivamente na interpretação política e econômica do mundo.

É relevante que o estudo da paisagem no ensino geográfico permita ao aluno tornar-se um leitor do espaço e das categorias geográficas, principalmente da

paisagem, constituindo esse conhecimento uma habilidade que o aluno possa vivenciar no seu dia a dia.

Nesse sentido, considera-se que a compreensão da paisagem pode desenvolver a aprendizagem do aluno, pois possibilita ao mesmo observar, investigar e analisar os dados, estimulando o desenvolvimento da capacidade de fazer a leitura não apenas de uma paisagem, mas do mundo, colaborando para o seu aperfeiçoamento dentro da sociedade em que vive. É a compreensão da paisagem que orienta a leitura de mundo.

A observação da prática docente permite perceber no ensino da Geografia a deficiência existente na abordagem de conteúdos voltados para alunos do 5º ano do ensino fundamental, especialmente com relação ao estudo da paisagem. Os alunos possuem muita dificuldade em analisar e relacionar os elementos constituintes da paisagem, prejudicando assim o processo de aprendizagem.

Portanto, na perspectiva da inovação metodológica do ensino, cabe analisar como o professor está agindo no processo de promover o aprendizado de seus alunos no ensino fundamental, pois essa etapa do ensino é uma das mais importantes, já que formará a base para a construção da formação do aluno.

Tendo em vista as considerações realizadas, o objetivo deste trabalho é analisar as relações entre o conceito de paisagem e os conteúdos escolares de geografia nos PCNs e no LD. Para a consecução de tal objetivo, são estabelecidos objetivos específicos, quais sejam: investigar as concepções que professores e alunos têm em relação à categoria paisagem nos conteúdos geográficos; verificar na prática didática como o conceito paisagem é abordado; e discutir como a categoria paisagem é contextualizada no ensino de geografia.

Considerando os objetivos propostos, entende-se que o trabalho contém uma proposta didática coerente com a construção de conhecimentos geográficos, bem como uma ampliação da observação e interpretação em geografia, assim enriquecendo o conhecimento da categoria paisagem. Desta forma, a pesquisa poderá contribuir para o ensino da Geografia, especialmente no âmbito do ensino fundamental, considerando a perspectiva de superação da abordagem tradicional ainda presente no contexto escolar. É possível perceber na realidade do ensino a constante necessidade de revisão das

práticas pedagógicas, pensando no ensino de Geografia como uma forma de possibilitar ao aluno uma aprendizagem significativa e a construção de valores fundamentais para o seu pleno desenvolvimento social.

Quanto à metodologia adotada no trabalho, trata-se de pesquisa qualitativa, que utiliza o método indutivo-dedutivo, partindo do geral para o particular, bem como do particular para o geral, proporcionando construir uma síntese analítica acerca do objeto de estudo. Os procedimentos metodológicos abrangem a revisão de literatura, a observação e utilização de experimentos práticos em sala de aula, com a aplicação de questionários tanto para os alunos do 5º ano como também para os professores.

Assim, a metodologia comporta a pesquisa bibliográfica do tema e a empírica no *locus* de investigação. Com relação aos procedimentos bibliográficos, foram considerados diversos autores. No primeiro capítulo, o conceito de paisagem na construção do conhecimento geográfico é abordado através de uma breve discussão, com base em autores como Meneses (2002), que trata do conceito de paisagem, como também Siewerdt (2007), Salgueiro (2001), Gomes (2001), Castro (2002), Milagres e Sousa (2012), Pozzo e Vidal (2010), Vitte (2007), Santos (1988), entre outros. Já o segundo capítulo, que aborda a paisagem nos conteúdos escolares, foi construído com base nos trabalhos de Callai (2003), Martins (2011) e Silveira, Eichler e Del Pino (2010), entre outros pesquisadores.

Quanto à pesquisa empírica, os procedimentos foram realizados em sala de aula, contemplando a observação das aulas de Geografia pelo período de uma semana em cada turma, durante duas aulas em cada turma. Na semana subsequente, foram aplicados os questionários para professores e alunos das turmas do 5º Ano. Os instrumentos utilizados na observação das aulas foram: caderno e caneta para fazer anotações. Já na aplicação dos questionários foram utilizadas folhas A4 para coletar as respostas dos alunos e lápis grafite.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola de Ensino Fundamental Dr. Jarismar Gonçalves Melo, localizada no município de Ipaumirim, Ceará. Foi realizada observação das aulas de geografia nas turmas selecionadas para o estudo e aplicação de questionários. A observação foi realizada durante uma semana, iniciando no dia 28 de novembro de 2013, sendo que a aplicação dos questionários foi realizada no dia 05 de

dezembro de 2013. O embasamento para o estudo foi obtido a partir de levantamento bibliográfico acerca do ensino, a geografia e sua prática pedagógica. Inicialmente, foi feita a observação das aulas de geografia em duas turmas de 5º ano, nas quais foi constatado um ensino insuficiente da disciplina Geografia, pois a preocupação dos professores esteve voltada para alfabetizar os alunos em português e matemática.

O ensino fundamental abordado na presente pesquisa é parte do 2º ciclo, correspondente ao 5º ano. O estudo da paisagem pressupõe que o educando possua conhecimentos geográficos já trabalhados no 1º ciclo, que é o que pode ser denominado de alfabetização geográfica – conhecimentos das categorias geográficas como região, território, lugar, paisagem, entre outras. Outro ponto importante está relacionado com a natureza psico-cognitiva: é o momento em que a criança está com a capacidade de fazer a leitura do mundo, de comparar e compreender o espaço vivido, desenvolvendo a abstração.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo aborda o conceito de paisagem na construção do conhecimento geográfico, promovendo uma breve discussão a respeito do conceito paisagem.

O segundo capítulo aborda a paisagem nos conteúdos escolares, promovendo uma discussão sobre a paisagem inserida nos conteúdos escolares, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e no livro didático.

Já o terceiro e último capítulo aborda o espaço da pesquisa. Esse capítulo trata da caracterização da escola na pesquisa, como também da análise dos questionários tanto dos professores como dos alunos. Em seguida, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

O trabalho busca contribuir para o estudo do ensino de Geografia na perspectiva da utilização de recursos didáticos inovadores, especialmente a partir da categoria geográfica paisagem. Cabe considerar que a alfabetização geográfica é fundamental para as etapas posteriores do ensino. Nesse sentido, entende-se que o estudo traz uma proposta metodológica que enfatiza o ensino de geografia através da paisagem, configurando uma alternativa de abordagem que poderá ser utilizada por professores do ensino fundamental e, ao mesmo tempo, a elaboração de trabalhos mais aprofundados acerca do tema.

1 O CONCEITO PAISAGEM NA CONTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

A paisagem é uma categoria geográfica de grande valor para essa ciência, porque ela expressa as construções e modificações que o homem faz no espaço geográfico. Ela é o resultado dessas transformações nesse espaço.

Meneses (2002, p. 29) afirma que a paisagem é tema “extremamente amplo, cheio de veredas que se multiplicam e alternativas que não se excluem”. E destaca, como problema, o fato de “paisagem” ser palavra extremamente polissêmica, fato que em muito contribui para que a mesma seja amplamente utilizada como mero termo de sentido comum, ou seja, uma moeda de troca sem qualquer especificidade que banaliza e desistoriciza o conceito.

A origem do conceito científico de paisagem está relacionada com as expedições europeias realizadas na América Latina e em diversos outros continentes nos séculos XVIII e XIX. O conceito de paisagem acompanha a geografia desde o princípio, desde os primeiros tempos da ciência (ALMEIDA; PASSINI, 2010).

Nas artes visuais, percebe-se o início da valorização da paisagem no final do século XVIII. Exemplo importante desta tendência são as pinturas de Caspar David Friendrich, datadas principalmente entre os anos de 1810 a 1820. O pintor foi pioneiro na representação pictórica dos ideais estéticos do Romantismo, segundo os quais a arte deveria aproximar o ser humano da natureza pura, primordial, de que havia se separado de forma trágica (SIEWERDT, 2007).

Segundo Salgueiro (2001), a paisagem surge na pintura como resultado da ruptura com a visão teológica medieval, e ocupa lugar proeminente na Geografia por herança da estética naturalista e do romantismo, e por representar os aspectos visíveis do espaço geográfico.

O entendimento acerca do conceito de paisagem teve duas fases: no início do século XX com a escola regionalista francesa, em que a paisagem era capaz de fornecer boa carga de informação sobre a organização social nela compreendida, e outra fase na segunda metade do século XX com o desenvolvimento dos transportes e meios de comunicação, da circulação de mercadorias e capitais, fazendo com que a paisagem perdesse seus fundamentos locais para refletir as relações das redes de

economia e sua simbologia. Considera-se, nessa perspectiva histórica, que a concentração de capitais, nos grandes centros mundiais, pode influenciar a modificação de paisagens situadas a milhares de quilômetros de distância (YÁZIGI, 2002).

Gomes (2001, p. 61-62), acerca da paisagem, ressalta que:

Ao longo da história, a paisagem foi assumindo vários significados, sendo usada com as mais variadas conotações. Rapidamente pode ser reconhecida uma série ampla desse entendimento: 1. Representação na arte por meio de um quadro de uma parcela da Terra; 2. Impressão dos sentidos sobre o meio ambiente da Terra; 3. Formas externas de surgimento de fenômenos de uma parcela da superfície da Terra; 4. Condição, propriedade natural de uma região; 5. Marcas culturais de uma região; 6. Características genéricas de uma parcela da Terra; 7. Espaço delimitado; 8. Corporação político legal ou organização; 9. Área ou expansão de uma determinada categoria de objeto que constitui sequências topológicas.

O conceito de paisagem, após ter sido tema central da Geografia no início do século XX, teve sua importância reduzida no contexto de contestação que a geografia clássica passou com a incorporação de outras bases epistemológicas ao pensamento desta ciência, como as relacionadas ao positivismo lógico. Porém, o conceito está novamente em debate, mas o problema de seu significado permanece em aberto. Retomada com a emergência de uma Nova Geografia Cultural, a discussão sobre paisagem passou a ser revestida de novos conteúdos, devido a ampliação dos horizontes explicativos da disciplina com a incorporação de noções como percepção, representação, imaginário e simbolismo (CASTRO, 2002).

A retomada da dimensão cultural, no pensamento geográfico, pode ser ampliada para o contexto do debate científico como um todo, no âmbito de revisão das questões que fundamentaram a modernidade. A paisagem revela as relações sociais e a produção de espaço em uma determinada sociedade. A paisagem enquanto categoria de análise contribui para a ciência geográfica através da representação de elementos naturais e culturais, que mudam de acordo com a percepção de cada indivíduo. A visão da paisagem é diferenciada pelo olhar, mesmo se tratando da mesma paisagem (CORRÊA; ROSENDALL, 2004).

A paisagem está diretamente relacionada com o homem e suas ações no meio. Ela é percebida através dos sentidos, associado ao conhecimento que o homem tem do

meio, e é classificada como natural, modificada e organizada. A paisagem modificada ocorre quando houver ação humana para o cultivo agrícola, para construções de cidades, rodovias, como também para a obtenção de bens como o minério, madeira, entre outras formas de intervenção do homem. Essa modificação humana na paisagem constitui uma transição para as paisagens organizadas. Já as paisagens organizadas são aquelas em que o homem se beneficia com um resultado de uma ação que foi praticada e que é contínua sobre o meio natural. Nesse contexto, o homem vive em sociedade procurando tirar o proveito dos elementos do meio, visando obter vantagens para a vida em relações. Essa ação é realizada em conjunto para alcançar os objetivos desejados (MILAGRES; SOUZA, 2012).

As modificações e organizações que acontecem no meio através da ação humana vêm se transformando a cada dia através do conhecimento que o homem vem adquirindo como também através das novas técnicas (POZZO; VIDAL, 2010).

A paisagem natural é aquela que apresenta elementos naturais e que não foi modificada pela ação humana. Apesar de que ela é modificada pelos fenômenos naturais, tais como a ação das águas, dos ventos e das erupções vulcânicas, terremotos e outros. Os elementos constituintes da paisagem podem ser classificados como elementos naturais e visíveis como a flora, a fauna, o relevo, o clima, as rochas, o rio, etc. Já os elementos humanizados ou invisíveis são a cultura, a economia e a legislação, entre outros (VITTE, 2007).

Portanto, a paisagem vai além do que se pode ver. Ela só pode ser compreendida através de um olhar crítico. A paisagem não só é produto da história como também é um reflexo da história. A concepção que o homem tem e teve do morar, do habitar, do trabalhar, do comer e do beber; enfim, do viver. A paisagem geográfica é a forma exterior, a aparência “caótica”, sob a qual se descortina a essência articulada e objetiva do espaço geográfico (CARLOS, 1997, p. 38). É nesse sentido que “uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos” (SANTOS, 1994, p. 66).

Sob esta aparência estática se esconde e revela todo o dinamismo do processo de existência da paisagem, produto de uma relação fundamentada em contradições em que o ritmo das mudanças é dado pelo ritmo do desenvolvimento das relações sociais.

Essa paisagem é humana, histórica e social; existe e se justifica pelo trabalho do homem, ou melhor, da sociedade. É produzida e justificada pelo trabalho enquanto atividade transformadora do homem social, decorrente de um determinado momento do desenvolvimento das forças produtivas, e aparece aos olhos, por exemplo, através do tipo de atividade, do tipo de construção, da extensão e largura das ruas, estilo e arquitetura, densidade de ocupação, tipo de veículos, cores, usos, etc. (VITTE, 2007).

A paisagem geográfica é, portanto, a parte visível do espaço. Ao perceber um conjunto de elementos do espaço ao mesmo tempo, o observador relaciona os elementos que mais chamam sua atenção. Por isso, apesar de a realidade ser apenas uma, cada pessoa, e por extensão cada sociedade, num período histórico determinado, vê a mesma paisagem de maneira diferenciada (MILAGRES; SOUZA, 2012).

Dessa forma, a paisagem geográfica é analisada de forma geral, ou melhor, espacial, para ser bem compreendida. Na compreensão do mundo é necessário fazer uma leitura da realidade, o que é feito através da leitura da paisagem. Esse processo permite que os educadores desempenhem papel inovador em relação aos conceitos geográficos básicos, além de despertar o interesse dos alunos para aprender utilizando a linguagem visual que deve ser explorada de forma correta em sala de aula (POZZO; VIDAL, 2010).

De acordo com Milton Santos (1994), a paisagem representa apenas formas e não possui vida. Já o espaço também constitui formas, mas com a sociedade interagindo, dando vida a essas formas.

É relevante que o estudo com a paisagem no ensino geográfico permita ao aluno tornar-se um leitor e analisador do espaço e das demais categorias geográficas, principalmente da paisagem, constituindo uma experiência que o aluno vivencia no seu cotidiano. Nesse sentido, considerando a importância desse conceito para a compreensão do aluno acerca da realidade e do espaço em que vive, considera-se que a paisagem

É um dos conceitos fundamentais da análise geográfica e significa a expressão visual do modo de ser característico de certo espaço, um sítio ou uma região, cujo aspecto é dado pela disposição e articulação particular dos elementos geográficos (ORTEGA; PELOGGIA; SANTOS, 2009, p. 160).

A paisagem é a materialização resultante da interação entre o homem e a natureza. Para a análise geográfica, “A paisagem também pode ser tida como a configuração de símbolos e signos, sendo que a linha interpretativa da geografia cultural recente desenvolve a metáfora da paisagem como texto, a ser lido como documento social” (COSGROVE; JACKSON, 2003, p. 137).

Contextualizando os conceitos ora apresentados com o ensino e com o tema paisagem, é pertinente ressaltar que o ensino da Geografia deve propiciar aos educandos uma melhor compreensão do espaço geográfico em todas as suas dimensões e contradições. Conforme Pereira (apud CAVALCANTI, 2004), o ensino da Geografia tem como missão alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico.

Considera-se, nesse sentido, que pedir para as crianças desenharem a paisagem desde os anos iniciais possibilita o desenvolvimento da sensibilidade por meio da visão. E depois de desenhar, observar e analisar, a criança elaborando a expressão de sua compreensão, terá assim uma melhor interpretação ou um melhor entendimento do que é realmente uma paisagem.

Para Rodriguez (et al., 2007), a análise paisagística é o conjunto de métodos e procedimentos técnico-analíticos que permitem conhecer e explicar a estrutura da paisagem, estudar suas propriedades, índices e parâmetros sobre a dinâmica, a história do desenvolvimento, os estados, os processos de formação e transformação da paisagem e a pesquisa das paisagens naturais como sistemas manejáveis e administráveis.

É preciso levar em consideração que uma mesma imagem sempre terá interpretações significativas diferenciadas entre dois ou mais observadores, mesmo a realidade registrada sendo fixa ou imutável. Dessa forma, o aluno precisa saber quem produziu a imagem que está sendo estudada, em que época, com qual objetivo, em que contexto, etc. (ASARI; ANTONIELLO; TSUKAMOTO, 2004).

Para Rodriguez (2007), a análise se baseia no conceito de paisagem como um todo sistêmico em que se combinam a natureza, a economia, a sociedade e a cultura, em um amplo contexto de inúmeras variáveis que buscam representar a relação da natureza como um sistema e dela com o homem. Os sistemas formadores da paisagem são complexos e exigem uma multiplicidade de classificações que podem, segundo o

autor, enquadrar-se perfeitamente em três princípios básicos de análise: o genético, o estrutural sistêmico e o histórico, que se fundem numa classificação complexa.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, p. 28), a paisagem tem um caráter específico para a Geografia, distinto daquele utilizado pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. É definida como sendo uma unidade visível, possui uma identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos: o passado, o presente e, até mesmo, o futuro. A paisagem é o velho no novo e o novo no velho.

Com o objetivo de se tornar significativa, a paisagem no ensino e na aprendizagem da Geografia, surge a necessidade de retomar com mais intensidade esse conceito, que, se bem conduzido, contribui para uma reflexão e para um entendimento da complexidade da relação entre a sociedade e a natureza, objeto central de estudo da Geografia.

Vila (1992) considera importante incluir no currículo acadêmico e escolar os estudos da paisagem como resposta às novas necessidades de formação, porque a partir do estudo da paisagem, que é um objeto de estudo complexo, é possível desenvolver determinadas atitudes, valores e normas básicas para a formação dos cidadãos.

O ensino da Geografia deve propiciar aos educandos uma melhor compreensão do espaço geográfico em todas as suas dimensões e contradições. Conforme Pereira (apud CAVALCANTI, 2004), o ensino da Geografia tem como missão alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico.

1.1 A PAISAGEM COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE

É através da análise geográfica que se estuda e aprende geografia. A análise é um procedimento de ensino e aprendizagem que constitui um instrumento fundamental no estudo da disciplina, já que é através da análise que os fenômenos podem ser explicados cientificamente e como também se compreende a paisagem.

A análise da paisagem é um meio mais eficaz de desenvolvimento da aprendizagem do aluno, porque possibilita ao aluno observar, investigar e analisar os

dados, estimulando o desenvolvimento da capacidade de fazer a leitura não apenas de uma paisagem, mas do mundo, colaborando para o seu aperfeiçoamento dentro da sociedade em que vive.

Para a análise da paisagem atingir o seu verdadeiro significado, é necessário o entendimento de alguns elementos, que, conforme Santos (apud CAVALCANTI, 2004), são indispensáveis, tais como: cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas; a paisagem atende a funções sociais diferentes, razão pela qual ela é sempre heterogênea; uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos momentos; ela não é dada para sempre, é objeto de mudança, é resultado de adições e subtrações sucessivas, é uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas; ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis (CAVALCANTI, 2004).

Nesse sentido, Cavalcanti (2004, p. 101) alerta que “caberia ao ensino trazer a paisagem para o universo do aluno, para o lugar vivido por ele, o que quer dizer trazer a paisagem conceitualmente como um instrumento que o ajude a compreender o mundo em que vive”. A paisagem, como instrumento de análise, permite assim a compreensão do espaço geográfico, espaço esse criado pelo homem, lugar onde o homem mantém relações com a natureza e com tudo que o cerca.

1.1.1 A Paisagem a partir da Observação, Análise e Interpretação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

As mudanças e debates recentes acerca da Geografia como ciência e disciplina escolar repercutiram profundamente no ensino fundamental. Por um lado, estimularam a inovação e a produção de novos modelos didáticos. A Geografia tradicional se baseia em procedimentos didáticos adotados que promovem principalmente a descrição e a memorização dos elementos que compõem as paisagens sem, contudo, esperar que os alunos estabeleçam relações, analogias ou generalizações. Desta forma, o ensino da geografia não deve ser centrado apenas na descrição empírica das paisagens, tampouco pautado exclusivamente na interpretação política e econômica do mundo. É

igualmente importante investigar as relações socioculturais da paisagem, bem como os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte (ALBUQUERQUE, 2011).

Nesse contexto, é relevante que o estudo da paisagem no ensino geográfico permita ao aluno ter um maior conhecimento do espaço geográfico e das categorias geográficas, principalmente da paisagem, constituindo esse conhecimento uma habilidade que o aluno possa vivenciar no seu dia a dia.

A paisagem é um dos conceitos fundamentais da análise geográfica e significa a expressão visual do modo de ser característico de certo espaço, um sítio ou uma região, cujo aspecto é dado pela disposição e articulação particular dos elementos geográficos (ORTEGA et. al, 2009, p. 160).

Sendo a paisagem o que se vê, supõe-se necessariamente a dimensão real do concreto, o que se mostra, e a representação do sujeito, que codifica a observação. A paisagem resultado desta observação é fruto de um processo cognitivo, mediado pelas representações do imaginário social, pleno de valores simbólicos. A paisagem apresenta-se assim de maneira dual, sendo ao mesmo tempo real e representação (CASTRO, 2002).

Lucrécia Ferrara (2002) traz importante contribuição para a compreensão do tema em debate ao discutir visualidade e visibilidade, categorias dos modos de ver, de natureza da imagem. A visualidade corresponde à imagem do mundo físico e concreto, já a visibilidade à elaboração reflexiva do que é fornecido visualmente transformado em fluxo cognitivo. Nas palavras da autora:

Na visibilidade o olhar e o visual não se subordinam ou conectam-se um ao outro, como ocorre com a visualidade, ao contrário, ambos se distanciam um do outro para poder ver mais. Estratégico e indagativo o olhar da visibilidade esquadrinha o visual para inseri-lo, comparativamente, na pluralidade da experiência de outros olhares individuais e coletivos, subjetivos e sociais, situados no tempo e no espaço (FERRARA, 2002, p. 74).

Vieira (2006) considera a relação entre a paisagem e a percepção, afirmando que a paisagem é uma realidade concreta e compartilhada de maneira tridimensional, em que a percepção só existe porque há uma realidade empírica e objetiva que a

possibilita. Para o autor, a paisagem é formada pelo conjunto de espaços, que são transformados pelas relações humanas. Nesse sentido, portanto, o espaço configura-se tanto como uma realidade exterior quanto como uma representação.

As paisagens contêm elementos invisíveis como o ar e o vento, que não podemos ver, mas que estão na paisagem. Esses elementos visíveis e invisíveis se articulam uns com relação aos outros, facilitam a descrição e em seguida a análise.

Uma análise simples de uma representação, no caso de uma paisagem, pode ser feita em sala de aula. A análise é um método de estudo muito utilizado na geografia, mas que pode ser trabalhado por outras disciplinas desde que os alunos consigam fazer uma análise crítica do que se observou, relacionando elementos considerados visíveis e invisíveis com o espaço vivido pelo mesmo.

Para Rodriguez et al. (2007), a “análise paisagística” é o conjunto de métodos e procedimentos técnico-analíticos que permite conhecer e explicar a estrutura da paisagem, estudar suas propriedades, índice e parâmetros sobre a dinâmica, a história do desenvolvimento, os estados, os procedimentos de formação e transformação da paisagem e a pesquisa das paisagens naturais como sistemas manejáveis e administráveis. Nas palavras de Asari, Antoniello e Tsukamoto (2004, p. 183), ao se referirem à paisagem:

[...] a utilização da fotografia pode estimular a observação e descrição das paisagens pelos alunos, preparando-os para tirarem suas próprias conclusões e elaborarem soluções para problemas da sua realidade, e não apenas como uma ilustração do conteúdo geográfico ministrado.

Nos procedimentos para a leitura da paisagem, a interpretação de uma paisagem é o último passo para procurar explicações para os diversos elementos observados e analisados tanto de forma isolada como em conjunto, relacionando todos em seus conhecimentos geográficos.

A busca por explicações é o momento mais importante na leitura da paisagem, pois possibilita ao aluno questionar sobre a relação entre os elementos que a compõem e a refletir sobre o seu arranjo espacial.

É de grande relevância a participação do professor nos procedimentos de interpretação da paisagem, pois o professor como mediador do conhecimento deve

orientar os alunos na formulação de hipóteses sobre as explicações e em seguida comprová-las possibilitando aos discentes construir o seu próprio conhecimento, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, fase em que o aluno está descobrindo ou conhecendo o espaço geográfico.

1.2 A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR

Enquanto disciplina curricular escolar, a Geografia vem sofrendo mudanças, na busca por desempenhar um papel relevante na sociedade, constituindo-se de novos conteúdos e reformulando outros já existentes.

Callai (1998, p. 56) defende a geografia como uma ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem. Assim, enquanto matéria de ensino, ela permite que o aluno “se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento” (CALLAI, 1998, p. 56).

A geografia tem a função de contribuir com a formação do cidadão, justificando assim os métodos utilizados para explicar os conteúdos e utilizando novos métodos, fazendo assim com que os alunos participem mais das aulas com questionamentos do dia a dia.

Os conceitos geográficos sofreram mudanças em virtude das diferentes abordagens propostas a partir dos movimentos de renovação da Geografia, como também a geografia acadêmica. A Geografia, como ciência social, estuda a sociedade através de cinco conceitos que são o espaço, o território, a região, o lugar e a paisagem (CALADO, 2012).

O espaço, termo tão usado no dia a dia e em diversas ciências, na disciplina Geografia é um conceito chave, sendo que todos os outros conceitos são formados e associados a partir do conceito de espaço em diversos âmbitos.

Para Milton Santos (1996), o espaço é uma instância da sociedade. O espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. E como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia. Assim, o espaço deve ser analisado a

partir das categorias estrutura, processo, função e forma, que devem ser consideradas em suas relações dialéticas. As formas podem ser uma casa, um bairro, uma cidade e uma rede urbana. As funções podem ser habitar, vivenciar o cotidiano em suas múltiplas dimensões – trabalho, compras, lazer, associadas a casa, bairro e rede urbana. Processo é uma ação que se realiza, via de regra, de modo contínuo, visando um resultado qualquer, implicando tempo e mudança. Processo é uma estrutura em seu movimento de transformação (SANTOS, 1996).

A Geografia crítica, que surgiu na década de 1970, representou uma revolução, na qual o espaço está presente nos debates como um campo de ações de um indivíduo ou grupo, não como um campo de ações ligado ao processo de reprodução da força de trabalho através do consumo, mas como meio de reprodução das relações sociais de produção (ALBUQUERQUE, 2011).

Temas como região e regionalismo, espaço nacional e planetário, relações entre sociedade e natureza, transformações no espaço urbano e no rural, foram tradicionalmente abordados pela geografia e em muitos casos de forma quase exclusiva. Os temas região e regionalismo vêm sendo valorizados na atualidade.

Do ponto de vista da Geografia humanista, que também surgiu na década de 1970, as práticas sociais são um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, provocando alterações no todo ou em parte, ou preservando-o em suas formas e interações espaciais (BOLGIAN; ALMEIDA, 2003).

O conceito de lugar se refere à vida em todas as suas dimensões, é o que pode ser apropriado pelo corpo. O lugar representa um desafio para a análise do mundo moderno, exigindo um esforço analítico muito grande para abordá-lo em suas múltiplas formas e conteúdos.

O território é um espaço definido e delimitado, que está relacionado com as relações de poder. Na Geografia política o território é um espaço concreto, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade. O território está relacionado ainda com os conceitos de poder, desenvolvimento e autonomia (ALMEIDA; PASSINI, 2010).

O conceito de região é um dos mais comuns e tradicionais na Geografia, e está relacionado com as diferenciações da superfície terrestre em áreas diferentes entre si,

que constituem as suas regiões. A região geográfica é uma paisagem e sua extensão territorial, que inter-relaciona elementos humanos e da natureza. Na região há uma combinação específica da diversidade, uma paisagem que acabe conferindo singularidade àquela região (ALBUQUERQUE; FERRERA, 2013).

Na Geografia moderna não existe um método regional, mas existem estudos nos quais as regiões formam classificações espaciais. Nos estudos regionais, a área é vista como laboratório de estudos sistemáticos, realimentando os referenciais teóricos que estes formulam (CASTROGIOVANNI; CALLAI; KAERCHER, 2000).

A geografia crítica destaca a importância de repensar o conceito de região, considerando que as regiões são espaços em que existe uma sociedade que realmente dirige e organiza aquele espaço. A paisagem geográfica deve ser trabalhada do ponto de vista prático, estimulando a análise crítica por parte dos alunos e saindo da simples exposição teórica.

O ensino de Geografia deve priorizar a formação cidadã, investindo os alunos de consciência do espaço, dos objetos e fenômenos vivenciados no cotidiano ou não, definindo na prática o espaço ocupado e modificado pela humanidade (ALBUQUERQUE; FERRERA, 2013).

O ensino de geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens de compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas (CAVALCANTI, 2004, p. 47).

Através da prática de ensino, o profissional adquire repertório no momento de trabalhar os conteúdos. É na sala de aula que a prática se faz necessária para proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem relevante. O professor deve inovar seus métodos de trabalho, abordando conteúdos de maneira diferenciada, utilizando não apenas métodos tradicionais já conhecidos e desgastados, mas, principalmente, desenvolvendo aulas mais dinâmicas, estimulando a participação dos alunos para que possam ser efetivamente sujeitos da construção do conhecimento.

Uma formação profissional de má qualidade faz com que os professores sejam totalmente dependentes dos livros didáticos. Haja vista que a compreensão docente

dos conceitos geográficos permite ao professor conduzir, adequadamente, os conteúdos, promovendo uma leitura do mundo do ponto de vista geográfico.

As mudanças que ocorreram na geografia no fim do século XX e início do século XXI têm se refletido nos modos de ensinar, nos conteúdos e na relação entre professor e aluno. As últimas décadas foram de mudanças importantes, e através de debates, elaboração e implementação de propostas curriculares, surgiram assim novas propostas para a disciplina escolar Geografia. No entanto, as inovações ainda mostram-se insuficientes para resolver os problemas atuais da educação.

As mudanças efetivas na Geografia não dependem apenas das mudanças nos conteúdos, mas, também, da mudança na prática do professor. A sociedade atual exige cada vez mais do profissional docente uma atuação mais integrada e voltada para a realidade social dos alunos. As novas competências exigem do profissional não somente o conhecimento acadêmico, mas a capacidade de realizar um trabalho eficiente e significativo para a aprendizagem dos alunos (FILENO, 2007).

A busca pela melhoria da qualidade do ensino deve ser uma constante na vida dos educadores. Partindo desta concepção, entende-se que repensar a ação docente é um desafio cotidiano, principalmente quando se almeja formar um aluno cidadão, consciente, crítico, ético, criativo e atuante na sociedade em que vive. Esse desafio se intensifica diante das rápidas e profundas transformações nos mais variados setores da vida contemporânea.

A compreensão dos conteúdos depende não apenas da capacidade do professor em dominar e transmitir conhecimentos sobre determinado tema em sala de aula. Muitas vezes, a falta de motivação e desinteresse do aluno faz com que o conhecimento não seja assimilado. Por isso a prática de ensino se mostra tão importante para o professor e para o aluno, pois permite vivenciar na prática o que se aprendeu e colocar o conhecimento em debate. Para motivar o aluno o professor precisa de um instrumental didático adequado, suficiente para mostrar ao aluno as diferentes formas de interpretar situações de aprendizagem (VESENTINI, 2007).

A realidade mencionada implica que o professor deva alertar os alunos para ficarem sempre atentos às situações de aprendizagem do cotidiano, pois uma paisagem rural ou urbana, um território delimitado, a região, o lugar e o espaço que

cada elemento ocupa representam situações que podem ser analisadas do ponto de vista geográfico, proporcionando, assim, a potencialização da aprendizagem (LIBÂNEO, 2008).

É falsa a ideia de que apenas o professor detém o saber e que aos outros cabe apenas receber esse saber sem questionamentos. O professor não deve ser um mero repassador daquilo que se instituiu como verdade e sim o sujeito capaz de relativizar as verdades a partir do saber social contido na realização do seu próprio fazer histórico.

Nesse contexto, a Geografia é capaz de formar cidadãos conscientes, participativos e críticos, à medida que aborda conteúdos essenciais e também temas transversais. A prática de ensino favorece ao professor identificar e utilizar os conhecimentos prévios dos alunos para facilitar a apreensão de novos conhecimentos, estimulando a participação ativa dos educandos, para que assimilem suas experiências com os conteúdos ministrados.

A formação cidadã a partir do ensino exige ao professor trabalhar com seus alunos temas vinculados com a realidade, que envolvam significados relevantes para eles, para criar um conhecimento que possa ser utilizado pelo aluno em seu cotidiano. Assim, o professor deve estimular nas aulas de Geografia momentos de debates, discussões a partir dos conteúdos, questionamentos e da interdisciplinaridade, bem como da contextualização com o cotidiano social dos alunos.

Considera-se que os educandos, muitas vezes, não apresentam interesse por uma aula essencialmente teórica. Favorecer a aprendizagem, nesse caso, é utilizar recursos didáticos inovadores e atividades práticas, para que os alunos façam associações mentais e aproveitem mais da aula. O professor, nesse sentido, trabalha com as habilidades cognitivas e proporciona a apreensão e a produção do próprio conhecimento por parte dos alunos.

O espaço escolar nem sempre é satisfatório, com salas de aula inadequadas para o número de alunos que costuma acolher, o que dificulta o trabalho do professor e, por consequência, reflete insatisfatoriamente no desenvolvimento da criança. Por outro lado, um fator fundamental que potencializa a aprendizagem no Ensino Fundamental é a presença da família na vida escolar do educando. A família deve atuar incentivando a aprendizagem do aluno.

Cabe, portanto, ao educador, interagir com os educandos, orientando sua aprendizagem e atendendo de forma adequada às suas necessidades. O profissional também deve zelar por sua formação continuada, buscando assim ferramentas atuais para desempenhar seu trabalho de forma eficiente.

Enfim, é preciso oferecer aos educandos oportunidades de desenvolver habilidades próprias para buscar o conhecimento, atuando juntamente com o professor como sujeitos na construção do saber. Para isso, o profissional docente precisa se colocar como sujeito que busca o conhecimento, que se dispõe a explorar novas habilidades no seu trabalho e na capacidade dos educandos, devendo exemplificar sua condição na prática cotidiana.

O trabalho de grande parte dos professores atuais consiste apenas em mostrar ao educando um conhecimento pronto, definido e acabado. A prioridade é cumprir metas com relação ao currículo e à carga horária, abordando os temas previstos para o ano letivo no tempo programado, independente da apreensão do conteúdo pelos alunos. A prática docente deve estar voltada para o desenvolvimento de habilidades. O ensino que deve existir na perspectiva moderna é aquele que busca estimular a curiosidade e criticidade dos educandos (FILIZOLA; KOZEL, 2009).

No processo de formação, o aluno que se tornará professor deve compreender que seu objetivo não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Na maioria das escolas brasileiras, as aulas ainda são essencialmente expositivas e não preparam o aluno para a realidade que vivemos. Muitos conhecimentos, transmitidos de maneira teórica, enfatizando a simples memorização, não têm aplicação prática na vida cotidiana. Essas características do ensino trabalhado nas escolas brasileiras fazem com que muitos alunos reconheçam os conhecimentos veiculados no processo de aprendizagem como desnecessários, desinteressantes e, com isso, desmotivadores.

O trabalho do professor é de grande responsabilidade, e sua formação profissional exige compromisso e competência. No que diz respeito à formação dos professores, os cursos de licenciatura muitas vezes deixam a desejar quando o assunto é discutir os problemas das escolas públicas do ensino fundamental e médio, ou seja, a relação ensino e pesquisa nem sempre privilegia a relação teoria e prática.

O educador tem hoje uma importância decisiva para as mudanças sociais, inclusive econômicas. As economias mais desenvolvidas são aquelas com melhores escolas e uma maior taxa de escolaridade para a população em geral. A partir dessas considerações, depreende-se que educar para a liberdade não é somente educar os outros, mas também a si mesmo, de forma permanente, aprendendo ao passo que se ensina. Só assim é possível propiciar aos educandos que se tornem cidadãos plenos, agentes da história, sujeitos autônomos, críticos e criativos.

O bom professor deve adequar sua prática à realidade dos alunos. A televisão, a mídia em geral e os computadores oferecem imensas possibilidades inovadoras ao professor. Cabe trabalhar com esses recursos de maneira crítica, levando o aluno a usá-los de forma ativa. Mas não se pode negligenciar a linguagem escrita, pois ela representa toda uma herança cultural da humanidade, nela se aprende de forma mais eficaz a pensar e a conceber coisas novas (PASSINI, 2011).

Não é possível formar cidadãos ativos sem haver uma cidadania ativa, que inclusive deve ser permanentemente expandida, ou seja, sem haver uma sociedade democrática. E essa é uma tarefa para todos, não apenas para o professor. E é uma tarefa que não se “ensina”, mas se aprende conjuntamente, se aplica nas relações inter-humanas, inclusive no ensino.

A melhoria do ensino de Geografia depende da formação permanente e contínua numa prática reflexiva, permitindo não apenas a constante atualização e produção de novos saberes ao profissional docente. Além disso, é necessário uma maior integração das relações entre ensino, pesquisa e extensão, permitindo que seja cumprido o papel da universidade enquanto produtora e socializadora de conhecimentos, articulando assim os diferentes níveis de ensino. Por fim, a efetiva melhoria do ensino de Geografia demanda a mobilização de saberes, promovendo a renovação do pensamento, conduzindo a interações entre diferentes áreas do conhecimento e, portanto, criando uma nova leitura do mundo (SANTOS et al., 2010).

Portanto, ser professor exige muito mais do que conhecer o conteúdo. O professor é um profissional competente, que domina a disciplina, utiliza técnicas variadas e inovadoras, planeja aulas e está sempre se atualizando. O professor aprende com seus alunos e sabe motivá-los e se comunicar com habilidade, criando um

ambiente favorável para a aprendizagem. O educador está sempre buscando o aperfeiçoamento profissional, inovando sua prática constantemente e preocupando-se com a transformação da realidade através da construção do conhecimento de seus alunos, tornando-os cidadãos críticos e autocríticos, proativos e conscientes para a formação de uma sociedade mais justa (RAMOS, 2012).

O Ensino da Geografia tem como objetivo contribuir para a formação integral dos educandos, buscando refletir, compreender, observar, interpretar e saber pensar o espaço geográfico como produto histórico, que revela as práticas sociais das pessoas que nele convivem. É função da geografia, como disciplina escolar, orientar as diferentes formas de leitura e interpretação do espaço geográfico.

Conforme Lesann (2009, p. 43), a metodologia do ensino deve, obrigatoriamente, estar voltada para o início da compreensão dos conceitos fundantes da Geografia, pelo aluno. Torna-se necessário, portanto, trabalhar a capacidade de observação sistemática, a descrição verbal e a localização no espaço, para que os alunos sejam capazes de entender a respeito das relações entre o homem e a natureza, assim como das noções básicas de escala e de representação gráfica do espaço geográfico.

2 A PAISAGEM NOS CONTEÚDOS ESCOLARES

Diversos conteúdos podem ser desenvolvidos no âmbito escolar através da utilização de imagens de paisagens, contribuindo para a aprendizagem dos estudantes e despertando a curiosidade. Uma mesma paisagem pode ser analisada em função de diferentes temas (SILVEIRA, EICHLER; DEL PINO, 2010).

O ensino de Geografia, considerando a paisagem, pode levar os estudantes a compreenderem de forma mais ampla a realidade, facilitando a interferência no espaço vivido de maneira consciente. A apreensão de conhecimentos, bem como o domínio de conceitos e procedimentos básicos, auxilia na compreensão das relações socioculturais e no conhecimento acerca das formas de pensar sobre a realidade (MILAGRES, 2009).

Nessa perspectiva de entendimento, Martins (2011) considera que o trabalho com paisagens, especialmente a leitura de imagens, apresenta grande relevância à

aprendizagem geográfica, devendo ser introduzido ainda nos primeiros anos do ensino fundamental. Segundo a autora:

A leitura das imagens desperta e aguça a capacidade perceptiva do ser humano, podendo trazer de volta lembranças de muitos fatos históricos e assim, fazendo os indivíduos entender determinadas transformações. As modificações gradativas do ambiente físico, histórico e cultural são constantes dentro da dinâmica urbana e rural (MARTINS, 2011, p. 15).

A paisagem representa importante categoria teórico-metodológica na construção da educação, possibilitando a visualização de múltiplos aspectos caracterizadores do espaço, e a educação ambiental, como tantas outras áreas do conhecimento, pode assumir, assim, componente ativo de um processo intelectual (VIGOTSKY, 1998).

Segundo Silveira, Eichler e Del Pino (2010), as imagens podem funcionar como uma chave para o pensamento crítico sobre o espaço, de modo que mapas, gráficos e fotografias aéreas, por exemplo, são ferramentas para os profissionais da geografia e para os educandos. Através dessas imagens é possível constatar fatos, fenômenos, eventos geográficos, bem como transmitir informações e representar a superfície terrestre.

A paisagem é trabalhada como representação visível do espaço geográfico, incluindo as coisas que estão em movimento como as pessoas, carros, cores, entre outros elementos, ou seja, a paisagem é um processo cumulativo, onde se encontram elementos do passado e do presente.

2.1 A PAISAGEM NOS PARÂMETROS CURRICULARES

Os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais - estabelecem para os anos iniciais que “o estudo da Geografia deve abordar principalmente questões relativas à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e, de forma geral, da sociedade na construção do espaço geográfico” (BRASIL, 1998, p. 87).

Segundo os parâmetros curriculares, a Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações. Neste sentido, assume grande relevância dentro do contexto dos PCN, em sua meta de buscar um ensino para a conquista da cidadania brasileira. As temáticas com as quais a Geografia trabalha na atualidade encontram-se permeadas por essa preocupação. É possível encontrar uma farta bibliografia sobre várias questões que entrelaçam os temas de estudo da Geografia com as questões sociais apontadas como prioritárias nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Considerando a perspectiva apresentada pelo Documento, a análise da paisagem deve focar as dinâmicas de suas transformações e não simplesmente a descrição e o estudo de um mundo aparentemente estático. A análise requer a compreensão da dinâmica entre os processos sociais, físicos e biológicos inseridos em contextos particulares ou gerais. A preocupação básica é abranger os modos de produzir, de existir e de perceber os diferentes lugares e territórios como os fenômenos que constituem essas paisagens e interagem com a vida que os anima. Para tanto, é preciso observar, buscar explicações para aquilo que, em determinado momento, permaneceu ou foi transformado. Isto é, os elementos do passado e do presente que neles convivem.

No ensino do componente curricular Geografia, o movimento não é muito diferente. O ponto de partida para se lançarem questões assinala a importância de aprender a olhar e a reconhecer as formas para que se possa identificar as paisagens, (HISSA, 2002).

Nesse sentido, entende-se que os conteúdos colocam o mundo como objeto a ser desvendado, enquanto a construção de conceitos é resultado desse processo de aprendizagem.

Para a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia é importante considerar esse conceito como a primeira aproximação do lugar, chave inicial para apreender as diversas determinações dos contextos imediatos. A partir daí, a análise poderia se encaminhar para o entendimento do espaço geográfico, através de sucessivas aproximações do real estudado.

Os PCN de Geografia definem paisagem como sendo a unidade visível do arranjo espacial, observado e percebido por nossa visão. A paisagem revela não somente as relações de produção da sociedade, suas estruturas, mas também o imaginário social, as crenças, valores, os sentimentos das pessoas que as constroem.

Partindo de uma visão geral, percebe-se que os PCN traçam um ensino de Geografia com o objetivo de explicar para compreender, estabelecendo múltiplas interações no sentido de perceber o mundo pela Geografia. Comparando a definição de paisagem apresentada nos PCN com o entendimento da maioria dos professores acerca dessa categoria geográfica, é possível perceber que a compreensão da maioria dos professores é fragmentada, colocando a paisagem natural em oposição à paisagem cultural, utilizando uma visão de elementos isolados ao invés da perspectiva sistêmica e unitária (BRASIL, 1998; SILVA, 2010).

Na formação do saber geográfico na escola, o conceito de paisagem aparece no nível de análise do lugar. É pela paisagem que se vivencia empiricamente um primeiro nível de identificação com o lugar.

2.2 O PROFESSOR E A PAISAGEM NO ENSINO GEOGRÁFICO

De acordo com as atribuições do ensino fundamental, regulamentado pela Lei 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em sua seção III, Art. 32, que afirma: “O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito em escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante redação dada pela lei nº 11.274, de 2006”. Os PCN, por sua vez, preconizam que a disciplina Geografia deve ter como objetivo principal a compreensão e interferência na realidade da sociedade, de forma que o material didático utilizado pelo professor deve adequar-se às orientações curriculares nacionais elencadas no Documento.

Silva (2010) considera que o ato de ensinar Geografia proporciona um contato imediato com a realidade, cujo espaço é dinâmico e sofre alterações em função da ação do homem, sendo este um sujeito e agente que é parte do processo histórico.

Essa consideração indica a necessária articulação entre o conteúdo específico e o processo de ensino-aprendizagem. Para Araújo (2009, p. 10):

A educação geográfica proporciona ao estudante a compreensão de mundo tendo-se como escala uma perspectiva global, mas também representa uma possibilidade de compreender o seu entorno, o seu local de moradia, as relações que se estabelecem entre o global e o local e vice-versa.

No que se refere ao conteúdo paisagem debatido em sala de aula, ainda abordando o contexto das modificações ocorridas no ensino da geografia, considera-se que colocar os alunos diante de representações de paisagens é proporcionar a oportunidade de experimentar o olhar que determinada paisagem oferece acerca da espacialidade de um lugar em determinado tempo. O conforto entre a representação da paisagem e o olhar do aluno amplia as possibilidades de percepção e leitura dessa espacialidade (MYANAKY, 2003).

Nesse sentido, na perspectiva da renovação do ensino de Geografia, a abordagem do conceito paisagem deixa de ser realizada apenas com foco no livro didático, voltando-se mais para a análise de paisagens vivenciadas pelos alunos em seu cotidiano do que para conteúdos estáticos, sem significado prático para os educandos (MUSSOI, 2008).

Essas novas abordagens estão inseridas no contexto das transformações que influenciaram e continuam influenciando as metodologias de ensino, haja vista que:

O ensino da Geografia vem sofrendo modificações, ao longo do tempo, e vem sendo questionado em consequência de vários fatores, entre eles, a discussão sobre os conteúdos e critérios que devem ser trabalhados nas escolas de ensino fundamental e médio, juntamente com a atualização dos docentes. Essas mudanças redimensionaram a forma de ensinar e o que deve ser ensinado na sala de aula, levando o professor a buscar novas maneiras de avaliar e analisar, além do conteúdo dos livros didáticos, os valores presentes no ato de ensinar. (MACIEL; MARINHO, 2013, p. 56).

Nesse sentido, considerando as novas abordagens dos conceitos geográficos e das categorias de análise, acerca do trabalho do professor em sala de aula voltado para o tema paisagem, Silva e Silva (2012) consideram que é importante partir de paisagens

visíveis e não de conceito, mais apropriados para o ensino médio, ou seja, os conceitos não devem anteceder aos conteúdos, pois é importante proporcionar aos alunos condições suficientes para que estes sejam capazes de construir os conceitos, compreendendo sua importância. Assim, sugerem que o estudo pode ter início a partir da observação da paisagem no espaço vivido. O professor deve participar orientando os alunos sobre a importância das diferentes linguagens na leitura da paisagem, através de imagens, músicas, literatura, documentos e outras linguagens e ferramentas possíveis.

Myanaki (2003) considera que, geralmente, os manuais didáticos do ensino fundamental possuem no máximo um capítulo dedicado ao estudo da paisagem e as estratégias encontram-se muito limitadas, com foco direcionado quase que exclusivamente à apreciação de algumas fotos que ilustram a distinção entre paisagem natural por oposição à paisagem cultural ou a transformação da paisagem ao longo dos anos.

Um estudo da paisagem que supere esse ensino vazio e crie conceitos com significados a ser aplicados na vida deve partir da valorização dos espaços de vivência, das condições de existência do aluno e seus familiares e das relações cotidianas, de modo que o aluno, gradativamente, estabeleça relações cada vez mais elaboradas entre esse cotidiano e a realidade mais ampla.

Nesse contexto, o professor tem a missão de fazer acontecer a aprendizagem efetiva dos alunos, onde os mesmos aprendam o significado do conceito de paisagem e suas relações, extrapolando o ensino superficial, onde o aluno apenas decora sem conseguir aplicar a nenhum conhecimento é o desafio desse estudo. Esse desafio pode buscar orientações em Vygotsky (1998): É preciso que o desenvolvimento de um conceito espontâneo tenha alcançado um certo nível para que a criança possa absorver um conceito científico correlato [...] Os seus conceitos geográficos e sociológicos devem se desenvolver a partir do esquema simples 'aqui e em outro lugar'".

Nesse sentido, o estudo do meio permite que o conteúdo ensinado não seja meramente teórico e sim, ligado a vida das pessoas. A geografia ensinada então passa a ter sentido e interesse para o educando.

Callai (2000, p. 57-58) ressalta que a geografia como ciência social, necessariamente precisa considerar o aluno e a sociedade em que vive. Essa disciplina não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade, nem um amontoado de assuntos, ou lugares (partes do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil compreensão pelos alunos e não pode ser feita apenas a partir da descrição de lugares distantes ou de fragmentos do espaço. Para essa autora, a geografia deve permitir que o aluno se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento. Não é uma geografia descritiva, enciclopédica e artificial, em que o espaço ensinado é fracionado e parcial e, onde o aluno é um ser neutro, sem vida, sem cultura e sem história. O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço.

Porém, Callai (2000, p. 59) alerta para a necessidade de se investigar outros níveis de análise além do local, para não correr o risco de explicações simplistas, que não abarcam toda a análise necessária para entendimento daquele assunto, visto que os fenômenos acontecem no mundo, mas são localizados temporal e territorialmente em um determinado local.

2.3 A PAISAGEM INSERIDA NOS LIVROS DIDÁTICOS

O trabalho com paisagens no ensino de Geografia é fundamental para proporcionar o entendimento acerca do espaço geográfico, bem como suas transformações. Os livros didáticos podem e devem ser utilizados em sala de aula como recurso facilitador da aprendizagem, porém sendo complementado, na medida do possível, por outros recursos didáticos. No que diz respeito à abordagem do conteúdo paisagem em sala de aula, em conformidade com essa perspectiva de renovação das metodologias de ensino, é papel do professor conduzir seus alunos a uma reflexão mais aprofundada sobre o significado da paisagem, se baseando na conclusão de que:

O conceito de paisagem usado no senso comum reflete as matrizes de sua historicidade. Paisagens nem sempre são belas imagens, mas representações de um espaço delimitado, mesmo que não agrade aos

olhos de quem as visualiza. Elaborar um conceito de paisagem torna-se cada vez mais difícil, pois são muitos os caminhos pelos quais esse conceito é utilizado tanto na Geografia como nas outras áreas do conhecimento (DIAS; MARÇAL, 2013, p. 35).

Os livros didáticos são carregados de ideologias que, muitas vezes, são de difícil percepção, mas os conteúdos podem trazer um direcionamento de ideias e discussões perante o ensino aprendizagem.

O livro didático é o recurso com o qual o docente pode contar com maior facilidade em sua prática de sala de aula. O livro didático tem sido utilizado como o recurso mais comum em sala de aula para a construção do conhecimento, não só nas aulas de Geografia, como também em outras disciplinas. Mediando o processo de construção do saber, o objetivo do livro didático deve ser principalmente o de favorecer a construção do conhecimento do aluno, auxiliando-o na compreensão da realidade (DIAS; MARÇAL, 2013).

O mundo pode ser representado por várias paisagens. As imagens podem ser usadas com diversos objetivos, cabendo ao leitor elaborar os sentidos por meio de mecanismos de projeção e identificação das mesmas. A presença do tema paisagem, de forma interativa, dinâmica e intuitiva, nos livros didáticos, é fundamental para proporcionar a construção do conhecimento em torno desse conceito já a partir das séries iniciais do ensino fundamental (SANTOS, 2006).

A leitura de paisagens é um dos instrumentos fundamentais para a compreensão da realidade social, uma vez que estas retratam as formas de construção e reconstrução do espaço geográfico. Se bem exploradas pelo professor, “as representações das paisagens podem ser fonte de aprendizado de qualquer conteúdo geográfico. Os livros didáticos trazem em seu conteúdo muitas representações de paisagens” (DIAS, MARÇAL, 2013, p. 54), de modo que cabe ao professor procurar a melhor forma de trabalhar.

O estudo da paisagem não deve se restringir à simples constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. É de grande valia pedagógica explicar e compreender os processos de interação entre a sociedade e a natureza, situando-as em diferentes escalas parciais e temporais, comparando-as e conferindo significados.

O livro ainda é o principal instrumento didático em várias etapas do processo de aprendizagem. Assim, torna-se fundamental que este recurso esteja rigorosamente adaptado às reais necessidades dos alunos, dada a necessidade de adequação dos métodos às diferentes etapas e séries do ensino fundamental. É um material que serve de apoio para as atividades didáticas, devendo o professor utilizá-lo não como definidor de todas as suas aulas, mas como um instrumento que se encontra ao seu serviço. O professor deve buscar outras formas de conhecimento para melhor educar, ensinar, transmitir e construir conhecimentos e de formar cidadãos participativos com uma percepção crítica da realidade.

O livro didático deve, evidentemente, respeitar a legislação vigente, como o Estatuto da Criança e do Adolescente ou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394, de 1996 – que preconiza como princípios do ensino a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”, o “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”, o “respeito à liberdade e apreço à tolerância”, a “garantia do padrão de qualidade”, a “valorização da experiência extra-escolar” e a “vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”. Os livros didáticos devem favorecer o diálogo, o respeito e a convivência, possibilitando a alunos e professores o acesso a informações corretas e necessárias ao crescimento pessoal, intelectual e social dos atores envolvidos no processo educativo (BRASIL, 1998).

É possível compreender o livro didático como um suporte de conhecimentos e de métodos para o ensino, que serve como orientação para as atividades de produção e reprodução de conhecimento. No entanto, o profissional docente em sua prática não pode se tornar refém do livro, imaginando encontrar ali todo o saber verdadeiro e a narrativa ideal, pois o livro é também instrumento de transmissão de valores ideológicos e culturais.

Observa-se que o Ministério da Educação e Cultura (MEC), através do processo de avaliação e distribuição do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem procurado um aprimoramento e melhoria da qualidade dos livros didáticos. Como resultado, esperam-se livros cada vez mais próximos das reais necessidades dos

alunos e professores, estes últimos tomados como promotores das práticas educativas autônomas (OLIVEIRA, 2010).

O PNLD faz parte do conjunto das políticas públicas que orientam a educação brasileira, e a cada período são analisados e avaliados os livros para as etapas específicas da educação básica, aqui interessada a referência aos livros de geografia para os anos iniciais.

2.4 O ALUNO, O PROFESSOR E O CONTEÚDO PAISAGEM EM SALA DE AULA

O aluno e o professor são peças chaves com relação ao ensino e aprendizagem, pois a interação e um bom relacionamento entre estes sujeitos tornam o processo de aprendizagem significativo. Nesse contexto, o professor é o profissional capacitado para direcionar o aprendizado do aluno, reconhecendo suas potencialidades e proporcionando o desenvolvimento de novas habilidades.

Assim, a criança precisa saber olhar, observar, descrever, registrar e analisar. Para ter uma compreensão melhor do espaço vivido. Todas essas habilidades são desenvolvidas na criança logo cedo, processo que se efetiva por meio da curiosidade. Segundo Freire (2001, p. 98): “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”.

O aprendizado da criança é também complexo e amplo. É importante pensar, portanto, como ela aprende e que significados atribui ao espaço, como desenvolve essa noção, a partir da sua vivência e do desenvolvimento do seu pensamento. Importa aqui compreender o significado de saber ler o espaço, tendo em vista que: “[...] toda informação fornecida pelo lugar ou grupo social no qual a criança vive é altamente instigadora de novas descobertas” (CASTELAR, 2005, p. 32). Essas relações se dão de forma que a criança vai conhecendo novos lugares, novas paisagens, o convívio com novas pessoas também faz com que a criança aprenda cada vez mais, tornando um conhecimento amplo.

Desse modo, é importante trabalhar na alfabetização geográfica a capacidade de ler o espaço, ler a aparência das paisagens e desenvolver a capacidade de entender o que todos eles expressam ou transmitem.

Os alunos, desde cedo, devem ser estimulados a fazer a leitura do mundo a compreender a realidade. Nesse sentido, é relevante que o estudo da paisagem, no ensino de Geografia, ofereça ao aluno ferramentas capazes de favorecer a leitura e análise do espaço e das categorias geográficas, principalmente da paisagem, relacionando o conhecimento adquirido às experiências do cotidiano e ao espaço em que vive. A compreensão da paisagem depende de estudo e atualização, bem como de discussão frequente, pois constitui um conceito-chave da geografia (VESENTINI et al., 1989).

A forma tradicional de trabalhar os conteúdos de geografia na escola não satisfaz às necessidades de aprendizagem do aluno nem à realização profissional e aos anseios do professor (OLIVEIRA, 2010). Nesse sentido, Cavalcanti (2004, p. 130) afirma que:

As razões principais para não se gostar de Geografia podem ser analisadas a partir de dois pontos. Em primeiro lugar, há um descontentamento quanto ao modo de trabalhar a Geografia na escola. Em segundo, percebem-se dificuldades de compreender a utilidade dos conteúdos trabalhados. Esses dois pontos, embora estejam intimamente ligados ao ensino de Geografia, não focalizam propriamente o conteúdo da matéria ou o conhecimento geográfico enquanto tal.

Para Cavalcanti (1998), o ensino é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles há de se destacar os objetivos, os conteúdos e métodos. A importância da prática de ensino reside na possibilidade de desenvolvimento de habilidades que viabilizarão a vivência do que foi estudado na teoria, onde o professor terá seus objetivos traçados sobre o que ele almeja alcançar, um conteúdo a ser ensinado e seu próprio método a ser utilizado, pois cada professor tem um método para explicar o mesmo conteúdo. O conteúdo pode ser explicado na teoria e depois visto na prática através de um trabalho de campo.

A prática de ensino é fundamental ao professor, pois é na prática, ou melhor, na sala de aula, que ele vai ter a oportunidade de vivenciar as experiências, realizando na

prática o conhecimento teoricamente adquirido. Entretanto, segundo Pimenta (2000, p.24), o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação; considerando que a reflexão teórica:

[...] dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os docentes compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais.

No contexto educacional, o docente na sua prática deve conhecer o ambiente onde se ensina e conhecer os sujeitos para quem ensina, para aplicar as suas metodologias adequadas para esse público. O professor deve inovar seus métodos de trabalho, abordando conteúdos de maneira diferenciada, utilizando não apenas métodos tradicionais já conhecidos e desgastados, mas principalmente desenvolvendo aulas mais dinâmicas, estimulando a participação dos alunos para que possam ser efetivamente sujeitos da construção do conhecimento.

Facilitar a aprendizagem dos alunos requer ao professor conhecimento e capacidade de inter-relacionar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, de modo contextualizado e interdisciplinar, motivando os alunos por embasar sua prática a partir do conhecimento da realidade em que vivem os educandos. Dessa forma, os alunos se sentem estimulados a confrontarem os novos temas apresentados com seus próprios conhecimentos, internalizando conceitos que os acompanharão ao longo de sua vida estudantil e social (PESSOA, 2007).

Nesse sentido, a utilização de recursos didáticos diversificados mostra para o aluno que os conteúdos geográficos podem ser trabalhados e analisados de diversas formas diferentes, como através das linguagens visual e auditiva. Dessa maneira, portanto, os alunos passam a perceber as aulas de Geografia de maneira mais interessada, pois compreendem que adquirir conhecimentos nessa área pode ajuda-los a ver o mundo e a realidade em que vivem de uma perspectiva mais ampla (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011).

Nesse contexto, as categorias geográficas são ferramentas fundamentais para que o professor conduza adequadamente os conteúdos, promovendo uma leitura do mundo do ponto de vista geográfico. A abordagem dos conhecimentos geográficos em

sala de aula está associada à perspectiva da leitura da paisagem, no sentido de facilitar aos estudantes o aprendizado sobre a construção do espaço geográfico. Conhecer a paisagem é conhecer seus elementos sociais, culturais e materiais, bem como a ligação existente entre eles (OLIVEIRA et al., 1998).

O conhecimento sobre paisagens e suas origens evolui com características que são apresentadas de diversas formas, sendo consideradas representações que podem ser espaciais, sociais ou mentais. Nem sempre os docentes e os alunos estão preparados para percebê-las e interpretá-las de forma correta (NAME, 2010).

A paisagem é um importante instrumento de compreensão do espaço geográfico, e o uso dessa categoria nas aulas de geografia reveste-se de importante função para o aprendizado dos alunos, bem como para despertar o interesse pelo conhecimento geográfico. A utilização da paisagem como categoria geográfica possibilita uma melhor compreensão dos conteúdos abordados na disciplina, tanto por parte da geografia física como no campo da geografia humana (NUNES, 2002).

Sabe-se que todas as pessoas, incluindo crianças, jovens e idosos, ocupam lugares diversos na sociedade e participam de diferentes grupos sociais. Essas pessoas, ao longo da vida e da vivência em determinados espaços, constroem conhecimentos, valores culturais, etc., e, mesmo assim, muitas não sabem fazer uma análise simples de uma representação, ou seja, de uma paisagem, evidenciando assim um importante motivo pelo qual a abordagem do conceito paisagem deve ser incentivado e praticado nas escolas pelos professores não somente de geografia, mas também os profissionais que atuam em outras disciplinas, de modo que os estudantes saibam fazer uma análise crítica de qualquer representação além da paisagem observada.

No ambiente escolar, a sala de aula constitui um ambiente de ensino e aprendizagem, onde deve ser continuamente incentivada a produção de conhecimentos. É na sala de aula que se estuda, troca ideias, se trabalha, elabora e cria, tanto individualmente quanto coletivamente.

Em outras palavras, a sala de aula é o palco do professor, como também dos alunos. É o espaço onde o professor apresenta os temas de estudo e direciona a construção de conhecimentos. Também na sala de aula os alunos demonstram os

conhecimentos adquiridos através de suas próprias vivências. Nessa interação ocorre o confronto de ideias e a internalização do conhecimento.

A sala de aula também pode ser um meio para um trabalho prático com noções de escala, coordenadas geográficas, coordenação de pontos de vistas, orientação, relações espaciais topológicas, projetivas e euclidianas, assim como para o desenvolvimento de habilidades de elaboração de mapas, tabelas e gráficos.

3 O CONCEITO PAISAGEM NO ESPAÇO DA PESQUISA: PERCEPÇÕES DOCENTES E DISCENTES

A pesquisa empírica realizada neste trabalho foi desenvolvida na Escola de Ensino Fundamental Dr. Jarismar Gonçalves de Melo, também conhecida pelos moradores da cidade de Ipaumirim-CE como “Colégio XI de Agosto”.



Figura 01: Frente da Escola.
Fonte: Francisca Natália (2014).

A escola em questão, mostrada na Figura 01, está localizada na Avenida Dr. Arruda, número 37, e pertence à rede Municipal de ensino do estado do Ceará.

A escola conta com as modalidades do Ensino Fundamental de 09 anos e Educação de Jovens e Adultos (EJA). No que se refere à distribuição de salas de aulas, ela varia nos três turnos, organizada da seguinte maneira: no turno matutino são 10 salas de aulas do Ensino Fundamental I, e já no turno vespertino são 09 salas de aulas do Ensino Fundamental II. Por fim, no turno noturno são 08 salas de aula do EJA.

No espaço físico a escola conta com as seguintes dependências: 01 diretoria, 01 sala para os professores, 01 sala com a biblioteca, 02 banheiros para uso dos alunos de ambos os sexos, 01 sala de informática, 01 cozinha, uma quadra de esportes e uma sala de aula para alunos especiais (AEE).

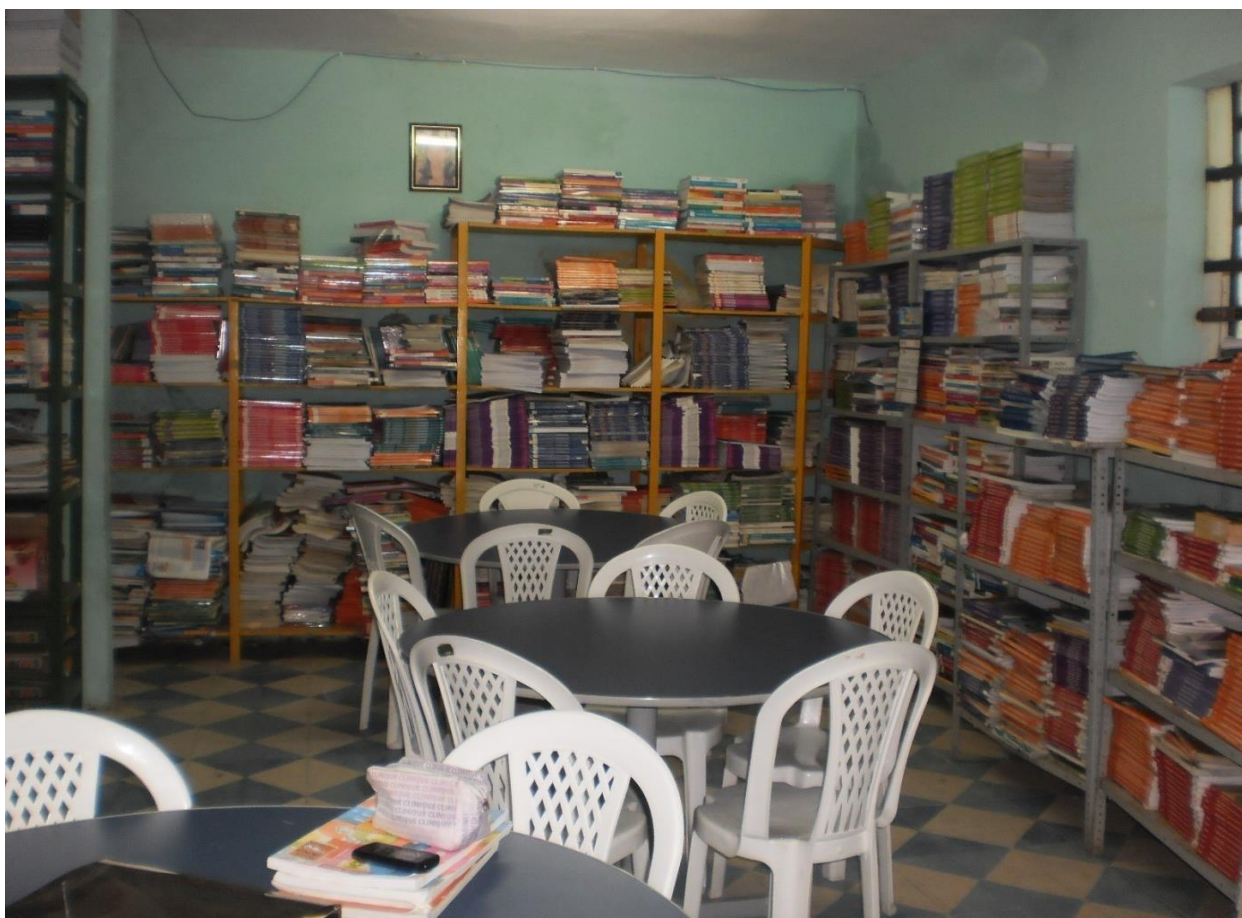


Figura 02: Biblioteca.
Fonte: Francisca Natália (2014).

A escola ainda possui equipamentos que auxiliam os professores na organização e desenvolvimento das metodologias de ensino, dentre eles destacamos: 01 aparelho de TV, 01 retroprojeto, 01 computador com impressora na secretaria, 08 computadores na sala de informática, uma máquina fotográfica e um aparelho de DVD.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS SALAS DE AULAS PESQUISADAS

A pesquisa foi realizada em duas salas de aula, 5º Ano “A” e 5º Ano “B”, da Escola Dr. Jarismar Gonçalves de Melo. Observou-se, inicialmente, a organização de ambas as salas. Na primeira delas, a sala em que funciona a turma do 5º Ano “A”, estudam 25 (vinte e cinco) alunos. Verificou-se que a sala possui cadeiras para todos os alunos, bem como um birô e uma cadeira para a professora. As paredes estavam bem decoradas, com cartazes e trabalhos escolares produzidos tanto pela professora quanto pelos alunos. Entretanto, entre os cartazes e trabalhos não havia nenhum mapa ou trabalho de geografia. Observou-se, ainda, que a sala é quente e escura, e possui apenas um ventilador em uma das paredes.

A segunda sala de aula, onde funciona a turma do 5º Ano “B”, possui cadeiras para todos os alunos, bem como cadeira e birô para a professora, quadro negro e giz. Como na sala anterior, possui paredes decoradas com cartazes e trabalhos escolares feitos pelos alunos, sob orientação da professora. A sala é igualmente quente e escura. Observou-se ainda o acesso dificultado, pois existem degraus para a porta de entrada que são bastante altos e as crianças podem se machucar. Constatou-se, também, que a sala é quente e escura e, assim como na sala do 5º Ano “A”, possui apenas um ventilador em uma das paredes.

Cabe ressaltar que as duas salas estão precisando de reformas em sua estrutura física e material, solicitando reparos no telhado, introdução de uma janela para clarear a sala; além da instalação de mais ventiladores, assim como a aquisição de materiais escolares, como mapas e globos.

A estrutura física e organização da sala de aula operam influências no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Assim, entende-se que sala de aula deve

consistir em um ambiente agradável e bem estruturado para que os alunos se sintam bem.

Os alunos que frequentam estas salas são, em sua maioria, sujeitos que residem em sítios próximos a cidade e à escola. Sendo que a maioria advém de famílias de trabalhadores rurais, analfabetos, mas que querem que os filhos tenham um futuro melhor que o deles através da educação, buscando através da mesma uma superação do nível de vida e valorização da sua cidadania. São alunos que têm idades entre 10 e 12 anos.

A professora A, é filha de pais agricultores, e sempre morou na zona rural. Os pais são analfabetos, mas que sempre incentivaram na educação dos filhos. Ela estudou em escola municipal e estadual, e sempre sonhou em ter uma formação universitária. Então, terminou o ensino médio pedagógico e fez vestibular, cursando licenciatura em pedagogia pela universidade Cearense Vale do Acaraú – UVA. É formada há cinco anos. Ensina apenas na modalidade ensino fundamental I. É também professora particular, ensinando como reforço há alguns alunos. É docente há sete anos. Atualmente mora na cidade próxima à escola, e cursa a pós-graduação há seis meses.

Já a professora “B”, também é filha de pais agricultores, morou muitos anos na zona rural e estudou em escola municipal; o ensino fundamental e o pedagógico em uma escola estadual. Passou por muitas dificuldades para concluir os seus estudos, mas apesar dos obstáculos existentes na época nunca desistiu de seus objetivos e da vontade de ser professora. Ela é formada em licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Cajazeiras – PB, há sete anos, e iniciou a pós-graduação há um ano. Ela é docente há seis anos, e atua no ensino fundamental I, como também no ensino fundamental II. Na primeira modalidade, a professora atua com todas as disciplinas. Na segunda, trabalha apenas com a disciplina de história.

As professoras pesquisadas não possuem formação na área da disciplina geografia, mas a professora A é formada em Pedagogia e está no segmento da estrutura do ensino fundamental I. Então, desta forma, é um desafio para o professor ser formado em uma área e trabalhar com disciplinas de outras áreas, como no caso da

professora B, que tem formação em História e trabalha no Fundamental I, com todas as disciplinas.

3.2 O CONCEITO PAISAGEM NA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS DISCENTES

A investigação para coleta de dados acerca do conceito paisagem a partir da pesquisa empírica se efetivou por meio da aplicação dos questionários em duas turmas de 5º Ano. Para fazer referência e distinção aos sujeitos educandos participantes da pesquisa, os alunos da turma de 5º Ano “A” se apresentam neste texto monográfico representados por numerais e os alunos da turma do 5º Ano “B” por letras maiúsculas do alfabeto.

Na coleta de dados sobre o conceito paisagem com os alunos do 5º Ano “A”, a maioria dos alunos da turma, cerca de 70%, entendia paisagem como um conceito ligado à beleza e à natureza. Os conceitos desses alunos estavam ligados à ideia de que paisagem “é tudo que é bonito” (aluna 1); paisagem “é a natureza, as flores e os campos” (aluna 2); paisagem “é tudo que é lindo e que podemos ver” (aluno 3); paisagem “é tudo que existe de bonito na natureza” (aluna 3); paisagem “são as árvores e os animais, e tudo que podemos ver”.

De acordo com Vitte (2007), a paisagem natural é aquela que representa elementos naturais e que não foi modificada pela ação humana. Apesar de que ela é modificada pelos fenômenos naturais, tais como a ação das águas, dos ventos e das erupções vulcânicas, terremotos e outros. Os elementos constituintes da paisagem podem ser classificados como elementos naturais e visíveis como a flora, a fauna, o relevo, o clima, as rochas, o rio, etc., já os elementos humanizados e invisíveis são a cultura, a economia e a legislação, entre outros.

Na perspectiva dos alunos do ensino fundamental, é comum a noção de paisagem natural se confundir com o conceito de natureza. Se paisagem é um conceito que implica a existência humana, então a ação de enquadrar e olhar a paisagem é uma forma de intervenção cultural que anula a ideia de paisagem natural como é apresentada nos livros didáticos.

Foi constatado que mais da metade dos alunos da turma entende o conceito paisagem como sinônimo de natureza e de beleza. Cerca de 20% dos alunos dessa mesma turma apresentam conceitos variados, com relação ao espaço, e a diversidade, como na seguinte afirmação: “paisagem é um espaço de natureza que tem o homem, animais e etc.” (aluna 4). “Paisagem é uma coisa que Deus criou e que nunca deve ser destruída” (aluna 5). Cerca de 10% dos alunos não respondeu nada nas questões, pois os educandos disseram que não entendiam nada sobre paisagem.

De um modo geral, é possível perceber que, para esses alunos, o conceito de paisagem está relacionado com a natureza e a beleza. Em nenhum momento, esses alunos se referiram à paisagem geográfica. Eles não apresentam clareza de entendimento dos conceitos de natureza, paisagem geográfica natural e modificada.

Os alunos mostram características insuficientes à aprendizagem necessária para o nível de escolaridade que está sendo avaliado diante da avaliação dos questionários aplicados, ou seja, falta uma alfabetização geográfica nesses alunos. Todas as categorias geográficas são pouco trabalhadas nessa série, ou melhor, a disciplina em si, é pouco trabalhada nos anos iniciais, o que dificulta o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Os alunos que formaram o percentual de 20% relacionaram a paisagem ao espaço. Esses alunos possuem pouco conhecimento com relação à categoria paisagem e espaço na geografia. Não houve uma construção de conhecimentos ou uma decomposição do conhecimento científico chamado de transposição didática. Os alunos que formaram o percentual 10% são alunos que não têm conhecimento sobre a paisagem. Esses alunos possuem grande deficiência com relação à leitura e à escrita. São alunos que precisam de uma atenção maior com relação ao ensino e à aprendizagem, principalmente da disciplina geografia.

Então esses dados mostram que o conceito de paisagem geográfica não foi trabalhado de forma correta com esses alunos, ou então não foram mencionados nas séries anteriores, prejudicando assim a aprendizagem dos mesmos. Com relação a esses índices, em nenhum momento os alunos relacionaram a paisagem com o espaço vivido, notando-se assim a deficiência no estudo da geografia nessa série. Percebe-se

uma dificuldade de uma leitura do mundo, sobretudo através das categorias geográficas.

Um ponto importante na pesquisa dos conceitos dos alunos é que o conceito de paisagem, a respeito da maioria, é o que poderia denominar de paisagem natural associando entre paisagem e natureza do que a paisagem cultural. Constata-se que os alunos em nenhum momento fizeram a distinção entre esses dois tipos de paisagens, enfatizando somente a paisagem natural, algo quase desaparecido da atualidade, sendo pouco presente no meio urbano. Esse conceito fica distante da realidade desses alunos, pertencendo mais a um mundo de sonho.

Verifica-se que a paisagem como conteúdo no ensino apresenta-se transmitida de forma sem importância, não como um conceito construído ou transposição didática, mas como algo sem relação com o real, e com o vivido. O professor pode interferir nesse processo, trazendo a “paisagem” para a realidade do aluno, como categoria que o ajude a entender o mundo em que vive. É necessário no ensino da geografia enfatizar a construção dos conceitos das categorias geográficas para uma melhor construção de conhecimento, de leitura e de interpretação do espaço.

Vygotsky (1998) alerta para o fato de que, para iniciar o processo de formação de conceitos, é necessário confrontar o estudante com algum problema possível de ser resolvido com a aquisição de novos conceitos; daí a necessidade de introduzir novas palavras (conceitos) na atividade desenvolvida. Esse resultado encontrado na pesquisa mostra que talvez os professores estejam trabalhando muito com o conceito do livro didático e deixando o dia a dia fora do estudo, tornando um ensino mecânico, sem construção de conhecimento a partir do espaço vivido.

A escola é o local no qual a população considera ter acesso ao estudo regular para adquirir conhecimento. A população procura a escola, por que almeja uma certificação e uma qualificação, pois é de grande importância na vida das pessoas, considerando que quando estas procuram uma vaga no mercado de trabalho, é exigida uma escolarização regular (KIMURA, 2010, p. 70).

O ensino da Geografia fincou cedo suas raízes, instrumentalizando a ideia de nação e, assim, “escamoteando e negando a divisão social do trabalho na sociedade capitalista” (VLACH, 1990, p. 58).

Com relação ao diagnóstico dos alunos do 5º Ano “B” acerca do conceito de paisagem na aplicação dos questionários, cerca de 80% desses alunos entenderam paisagem como um conceito ligado à beleza e ao natural. O conceito desses alunos estava relacionado às questões da paisagem ser natural e bela. Para uma das alunas (aluna A), “paisagem é uma vegetação verde, que contém animais”. Outra aluna (aluna B) considera que “paisagem é uma coisa da natureza”. Outro aluno afirmou que “paisagem é bonito e bem verdinho, a flor” (aluno C). Um outro aluno afirmou ainda, de modo semelhante aos demais, que “paisagem é o mar, o rio Amazonas, etc” (aluno D).

No entanto, conforme esclarece Barros (2007), o estudo da paisagem não deve se restringir à simples constatação e descrição dos fenômenos que a constituem.

A maioria desses alunos possui um conhecimento cotidiano do conceito de paisagem, necessitando assim de uma transformação desse conceito para um conceito científico que é algo dominado de “transposição didática” (CHEVALLARD, 1991). São alunos que têm muita dificuldade com relação ao conhecimento geográfico. Podemos perceber isso através dessa avaliação baseada nos questionários. É importante desenvolver nesses alunos um trabalho que vá além das sensações e percepções captadas no cotidiano. Eles consideram a paisagem como algo visível, demonstrando esta noção em seus depoimentos.

Cerca de 15% da turma tem o conceito de paisagem como uma coisa, sem nenhuma explicação dessa “coisa”. Nesse sentido, um dos alunos (aluno D), afirma que “paisagem é uma coisa bonita”, enquanto outros alunos (aluno E), (aluna F) afirmam, respectivamente, que “paisagem é muito legal” e “paisagem é muito bom”.

Constata-se, a partir dos dados fornecidos por esses alunos, uma deficiência muito grande com relação à geografia, e em especial à categoria paisagem. Esses alunos apresentam fragilidades de conhecimentos geográficos, e esse problema se desenvolve desde os anos iniciais até o 5º Ano.

Cerca de 5% dos alunos não respondeu a essa questão do questionário, afirmando que não entendia nada sobre paisagem. Então, o que se observa nesses alunos, é que eles não têm conhecimento do que é paisagem, havendo assim uma falta de estudo dessa disciplina para esses alunos. São alunos que precisam de uma

atenção maior com relação à aprendizagem, pois essa disciplina é de grande valor, principalmente nessa etapa do ensino – o ensino fundamental.

A décima questão estimulou os alunos a observarem a paisagem da escola e construírem uma descrição. Nessa questão, a maioria dos alunos destacou apenas a estrutura física da escola, como nas respostas em destaque: “É grande, tem muitas salas de aula, dois banheiros e muitas outras coisas – Aluna 3”. “Mostra muitas paisagens – Aluna D”.

Vieira (2006) considera a relação entre paisagem e a percepção, afirmando que a paisagem é uma realidade concreta e compartilhada de maneira tridimensional, em que a percepção só existe porque há uma realidade empírica e objetiva que a possibilita.

A partir das respostas dos alunos, é possível verificar que existem, no universo das salas de aula investigadas, muitas dificuldades em relação à disciplina e seus conteúdos, e que para adquirir um entendimento do que ocorre no espaço geográfico é necessário possuir um certo conhecimento das categorias, entre elas a paisagem, para melhor compreender a geografia.

Mostra-se na pesquisa que a disciplina de geografia é pouco trabalhada em sala de aula, nessas séries iniciais, apesar de ser uma disciplina de grande importância no ensino, visto que só é possível conhecer o mundo, realizando uma leitura do mesmo, através da geografia, e o aluno deve ser preparado para ler e interpretar o espaço a sua volta.

São alunos que precisam de uma atenção maior com relação à aprendizagem, pois essa disciplina é de grande valor, principalmente nessa etapa do ensino – o ensino fundamental, pois é nessa etapa em o aluno aprende a base para dar continuidade no ensino fundamental II e no Ensino Médio.

3.3 O CONCEITO PAISAGEM NA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS DOCENTES

Em contraste com as percepções dos alunos, foram registradas as percepções das professoras com relação ao ensino de Geografia e ao uso da paisagem como conceito facilitador da aprendizagem.

Cabe destacar a importância fundamental da participação dessas professoras para a construção do presente trabalho. A professora de Pedagogia foi muito compreensiva e colaborou muito com relação ao comportamento dos alunos e com a leitura e clareza das questões do questionário para os alunos. A professora de História foi igualmente participativa, estendendo sua opinião acerca da importância do trabalho com questionários na pesquisa do ensino e aprendizagem, especificando a categoria paisagem.

Para as professoras foi aplicado um questionário com dez questões a respeito de sua formação e do tema desta pesquisa. No entanto, o questionário focou duas questões principais: a primeira, acerca do conceito de paisagem; e a segunda, acerca da pertinência do livro didático para o ensino e aprendizagem da Geografia.

Com relação ao conceito de paisagem, a professora A respondeu que “paisagem compreende todos os elementos presentes em um determinado ambiente”.

Para essa professora, o conceito de paisagem está muito limitado, pois a paisagem possui cheiro, cor, idade, herança e etc. O conceito paisagem vai além dos elementos presentes em um ambiente.

Segundo Milton Santos (1988, p.61):

[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volume, mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc.

Então a paisagem é algo que parte do olhar humano, ou de um dado momento da realidade geográfica, como, por exemplo, uma fotografia. A paisagem é uma realidade que cotidianamente percebemos e sentimos, através das modificações que o homem faz no espaço geográfico.

A paisagem é um dos conceitos fundamentais da análise geográfica e significa a expressão visual do modo de ser característico de certo espaço, um sítio ou região, cujo aspecto é dado pela disposição e articulação particular dos elementos geográficos.

A paisagem representa o aspecto visível, como também o perceptível do espaço. Esse aspecto é mostrado através de suas formas, bem como pela

transformação do meio natural com a intervenção do homem que imprime sua marca no espaço.

Outro ponto central investigado na pesquisa foi a seguinte questão: Qual a pertinência do livro didático para o ensino e aprendizagem na geografia?

A professora “A” respondeu que “o livro didático constitui um elo importante que possibilita o estudo da relação homem-meio, ou seja, explica melhor a sociedade e sua organização no espaço, como também, o livro didático não deve ser utilizado como única fonte norteadora, devendo o professor buscar outras alternativas”.

De acordo com Dias e Marçal (2013), o objetivo do livro didático deve ser principalmente o de favorecer a construção do conhecimento do aluno, auxiliando-o na compreensão da realidade. Conforme os autores, entretanto, não se deve ter os livros didáticos como única opção para trabalhar os conteúdos. O livro didático deve ser visto como um apoio.

A professora “A” vê o livro didático como um instrumento importante, pois explica melhor a sociedade, mas defende que o professor deve buscar outras alternativas para trabalhar suas aulas, e não utilizar o livro como sua única ferramenta de trabalho.

Segundo Vesentini (2007), “o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte última da referência e contrapartida dos erros das experiências de vida”.

Dessa forma, o livro didático acaba se tornando uma espécie de “sabe tudo”, no qual ele é assimilado, ou melhor, copiado pelos professores e alunos, não criando um saber competente.

O livro didático deve ser usado de maneira crítica, promovendo a discussão de conceitos, fazendo relações com outros livros e autores. O livro didático não é o único definidor de todas as aulas. É um instrumento que o professor pode consultar para oferecer suporte ao seu trabalho.

O professor deve ficar atento em relação às incorreções que os livros apresentam, procurando assim mostrar para os alunos essas incorreções e corrigi-las.

O professor deve procurar ainda diversificar suas aulas com recursos inovadores, e não se deter apenas ao livro didático como o seu único recurso.

Relativamente à primeira pergunta, a professora “B” respondeu que “paisagem é uma imagem resultante da síntese de todos os elementos presentes em determinado local”. O conceito da professora pode ser entendido como uma forma de representação do espaço.

Nesse sentido, Santos (1996, p. 140) considera, acerca da paisagem, que essa não possui existência em si, mas possui a essência em si do espaço que representa, podendo ser representada de várias formas. Conforme o autor, “essa representação evoluiu na história da civilização desde as pinturas rupestres, passando pelas aquarelas, gravuras, fotografias, etc.

Desta feita, a paisagem representada numa pintura expressa formas de se olhar o mundo a partir das condições históricas, culturais, políticas, éticas, estéticas, técnicas e tecnológicas que o pintor e o público estavam inseridos. Tal fato, portanto, permite-nos colher noções que, mesmo que a pintura não expresse a realidade em sua inteireza, auxilia a uma melhor compreensão da visão que os indivíduos e a sociedade possuíam de sua espacialidade em determinada época e lugar.

Acerca da segunda pergunta destacada do questionário, a professora “B” respondeu, com relação à pertinência do livro didático, que “ele nos possibilita com mais clareza a relação entre o ser humano com o meio ambiente”. A professora acredita que o livro didático é claro na sua linguagem com relação à aproximação do homem com o meio, mas também existem outros recursos que permitem essa relação de clareza. Então, o livro não pode ser considerado único nas aulas de geografia, e o professor deve buscar outras fontes e recursos, até porque em sua maioria apresentam muitos erros perceptíveis.

É possível compreender o livro didático como um suporte de conhecimentos e de métodos para o ensino, que serve como orientação para as atividades de produção e reprodução de conhecimento. No entanto, não podemos nos transformar em reféns do livro, imaginando encontrar ali todo o saber verdadeiro e a narrativa ideal, pois o livro é também instrumento de transmissão de valores ideológicos e culturais.

Segundo José William Vesentini (2007), ao invés de aceitar a “ditadura” do livro didático, o bom professor deve ver nele (assim como em textos alternativos, em slides ou filmes, em obras paradidáticas, etc.) tão somente um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa a integrar criticamente o educando ao mundo.

Vale salientar que a professora “A” apresenta um conceito limitado, como se a paisagem fosse apenas o conjunto de elementos presentes, enquanto que a professora “B” possui um conceito diferenciado com relação à professora “A”, pois seu conceito é representativo ao afirmar que a paisagem é uma imagem que contém elementos.

A professora “B” possui um conceito claro de paisagem, enquanto a professora “A” possui seu próprio conceito, mas ainda sem clareza suficiente. Para a professora “B”, a formação em história provavelmente facilitou a formulação do conceito de paisagem, haja vista a relação entre a história e a geografia.

Acerca do livro didático, a professora “A” demonstrou que utiliza o livro, mas busca outras alternativas e, inclusive, demonstra certo cuidado com os materiais e as fontes utilizadas como recursos didáticos.

A professora “B”, nesse sentido, é muito ligada ao livro didático, demonstrando, portanto, que utiliza apenas o livro didático em suas aulas, diferenciando-se da professora “A” nesse quesito.

Ao ser questionada a respeito das fontes didáticas e recursos que a escola oferece aos professores para trabalharem na sala de aula, a professora “A” respondeu que são “objetos relacionados ao meio ambiente, quebra-cabeça com mapas das regiões brasileiras, projetor de imagens”.

Dessa forma, a escola oferece fontes de recursos didáticos para serem trabalhados em sala de aula, nas aulas de geografia. Então o professor deve enriquecer o seu trabalho pedagógico, utilizando todos esses recursos para a produção de uma aprendizagem que auxilie o aluno a compreender o mundo em que vive.

De acordo com Lessan (2009), o professor deve utilizar os mais diversos recursos didáticos, em suas aulas, para melhor trabalhar os conteúdos geográficos como também a capacidade de observação, descrição e análises dos fatos no espaço, e assim estabelecer relações entre o homem e a natureza.

Já a professora “B” respondeu que esses recursos são “projetores de imagens, filmes, projetos sobre o meio ambiente, realizações de mapas das regiões estudadas”.

Cabe considerar que, com relação às fontes e recursos didáticos que a escola oferece aos professores dessa escola, são bastante variados e ótimos para serem explorados em sala de aula. Com relação às respostas das professoras, é possível notar que professora “B” acrescentou “filmes” entre os recursos oferecidos pela escola para o trabalho em sala de aula. Esse é um bom recurso para explorar os conteúdos geográficos, principalmente a paisagem.

O item seguinte do questionário indagou das professoras quais os métodos e procedimentos utilizados para trabalhar o conceito de paisagem. A professora “A” respondeu “projetos, usos de equipamentos de informática, pesquisa de campo e entrevistas”. Os métodos utilizados por essa professora para trabalhar o conceito de paisagem são de grande relevância para a aprendizagem dos alunos, pois através desses métodos, os alunos observam, fazem análises e interpretações de dados.

Já a professora “B” respondeu “por meio da pesquisa de campo e por meio da tecnologia”. Esses métodos utilizados pela professora “B” também são importantes para a aprendizagem, pois a pesquisa de campo faz com que o aluno coloque em prática o que ele aprendeu na teoria, chegando assim a conclusões sobre determinado objeto de estudo. O uso das tecnologias tem um valor indiscutível de contribuição para o ensino e a aprendizagem dos alunos. É importante o uso de computadores e internet nas aulas de geografia, pois as informações chegam mais rapidamente, e tornam as aulas mais dinâmicas e atraentes.

Segundo Castellar (2010, p. 42), é relevante envolver a questão da prática com a teoria cotidiana, pois, dessa maneira, os docentes teriam uma dimensão maior em relação aos saberes específicos e das práticas sociais, ao passo que os discentes colocam em prática o que foi trabalhado na teoria. Um exemplo disso é a pesquisa de campo, conforme mencionou a professora B.

É possível observar que, de modo geral, as duas professoras utilizam métodos parecidos.

O item seguinte do questionário teve por objetivo conhecer a importância do conceito de paisagem para trabalhar os conteúdos de geografia, ao qual a professora

“A” respondeu que “é de suma importância trabalhar a paisagem, pois é através dela que podemos perceber o processo constante de modificações e adaptação conforme as ações humanas”. Para esta professora, é de suma importância, pois percebe as modificações humanas através da paisagem.

Segundo Martins (2011), o conteúdo paisagem é de grande importância para a aprendizagem geográfica, devendo ser introduzido ainda nos primeiros anos do ensino fundamental.

Já a professor “B” respondeu que “é de grande importância, pois através dela percebemos as modificações”. A professora não ofereceu clareza sobre quais são essas modificações. Observa-se, diante desta análise, a dificuldade da professora em especificar a importância do conceito de paisagem para trabalhar os conteúdos geográficos.

O que se considera a partir da análise dos resultados, além de diversas observações, é que ambas as professoras entrevistadas não possuem formação em geografia e, por isso, verifica-se a dificuldade que elas demonstram em responder às questões propostas no questionário. A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental é desvalorizada, ou pouco ensinada, pois os professores não consideram a geografia como uma disciplina importante.

3.4 ALGUMAS IMPRESSÕES ACERCA DAS PRÁTICAS DOCENTES OBSERVADAS EM SALA DE AULA E DOS DADOS FORNECIDOS PELOS DISCENTES

Além das percepções de alunos e das professoras, coletadas a partir da aplicação dos questionários, foi realizada uma observação em sala de aula, fundamental para a construção de relações entre a percepção dos sujeitos e a prática cotidiana do ensino-aprendizagem.

As observações em sala de aula ocorreram durante uma semana. O primeiro dia de observação foi em uma turma do 5º ano A, no horário da aula da disciplina Geografia, pela manhã.

O conteúdo trabalhado pela professora “A” foi “As paisagens brasileiras”. Inicialmente, a professora pediu para os alunos abrirem o livro de Geografia na página

indicada. Em seguida, foi iniciada a leitura do livro. Enquanto a professora fazia a leitura explicava o conteúdo, eram expostas algumas fotografias de cidades brasileiras, sendo incentivado aos alunos que falassem a respeito de cada fotografia, descrevendo os elementos apresentados em cada uma, bem como percebendo a época e o local capturados em cada fotografia.

Foi realizado um debate, no qual os alunos e a professora discutiram sobre o assunto. Em seguida, foi realizada uma atividade proposta no livro didático.

A aula observada pode ser descrita como expositiva dialogada, na qual foram utilizadas fotografias para facilitar a explicação sobre as paisagens brasileiras. Entretanto, um ponto negativo da aula foi o método da professora, que não explorou com clareza o conceito de paisagem, pois antes de pedir que os alunos analisassem as fotografias, deveria ter explorado mais o conceito de paisagem, bem como as transformações naturais, pois através das fotografias explorou apenas as modificações provocadas pela ação humana. Portanto, não houve uma contextualização com relação ao conteúdo.

A professora “B” mostrou-se muito ligada ao livro didático, deixando de articular o conteúdo científico do livro com o conteúdo vivido pelos alunos. De um modo geral, as duas professoras apresentaram incorreções em suas aulas de Geografia, e um dos motivos pode ser a formação, pois nenhuma possui formação em Geografia, o que pode justificar as falhas observadas.

A aplicação dos questionários ocorreu no dia 05 de dezembro de 2013. A Observação da aula do 5º ano “B” ocorreu no dia 28 de novembro de 2013.

O conteúdo trabalhado pela professora foi “as paisagens brasileiras: formas do relevo”. Inicialmente, a professora abriu o livro na página indicada para os alunos, e em seguida pediu que a turma acompanhasse a leitura e a explicação. Dessa forma, a professora apenas lia o conteúdo do livro, mostrava para os alunos as diferentes formas de relevo, destacando as fotografias do livro, com pouca participação dos alunos.

É possível concluir que foi uma aula expositiva e dialogada, mas com pouca participação dos alunos. A professora utilizou como recurso didático somente o livro didático, e demonstrava insegurança nos argumentos. Não foi realizada atividade

referente ao assunto debatido, pois não houve tempo suficiente. Os alunos mostraram falta de interesse com relação ao conteúdo.

As impressões referentes à observação da aula foram aprofundadas com a aplicação do questionário para os alunos.

O questionário contém dez questões, sendo três subjetivas e sete objetivas. A primeira pergunta indagou dos alunos “o que é paisagem? É tudo que podemos ver, sentir e tocar”. Sendo uma questão optativa, a maior parte dos alunos respondeu que “a paisagem é transformada tanto pela ação humana, como também pela ação da natureza.”. Portanto, a resposta correta. Os alunos não demonstraram dificuldades para assinalar corretamente a resposta para essa pergunta.

Conforme Pozzo e Vidal (2010), as modificações e organizações que acontecem no meio através da ação humana vêm se transformando a cada dia através das novas técnicas. Essas transformações que ocorrem no meio também ocorrem nas paisagens, pois tanto o meio como a paisagem estão inseridos no espaço, no qual está em constantes transformações, sejam elas naturais ou humanizadas.

A segunda questão, de caráter objetivo, intencionou obter dos alunos o complemento para a frase “É paisagem...”. A maioria dos alunos, tanto da turma A quanto da turma B, demonstrou dificuldades para responder corretamente. Essa questão foi bastante interessante no sentido de proporcionar o entendimento acerca do que poderia ser uma paisagem para esses alunos de acordo com os itens indicados. O que foi possível verificar é que a maioria desses alunos demonstrou dúvidas nessa questão, assinalando alternativas incorretas.

A terceira questão objetivou conhecer, do ponto de vista dos alunos, “o que a geografia estuda”. Poucos alunos conseguiram responder adequadamente. Cabe destacar a resposta do aluno 1, que afirmou “A geografia estuda o espaço, o homem e a paisagem”. Essa resposta demonstra que o aluno possui certo entendimento acerca do objeto de estudo da Geografia, entretanto, sua resposta ainda está incompleta. Um aluno da turma B (aluno A) afirmou que “estuda a paisagem e o mundo”. Esse aluno citou a paisagem sendo estudada pela geografia e generalizou a resposta quando citou o mundo, quando na verdade a geografia não estuda todas as coisas que existem no mundo.

Callai (2000) defende a Geografia como uma ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem, que é o espaço onde o homem vive, constrói e reconstrói.

Alguns alunos responderam de forma incompleta, faltando apenas complementos, mas demonstraram que entendiam algo, enquanto outros nada responderam.

A quarta questão objetivou descobrir se os alunos gostam das aulas de Geografia. A maioria respondeu que não gosta, pois as aulas “são chatas”. Foi possível constatar, portanto, a falta de interesse dos alunos pela disciplina. Resposta semelhante foi obtida para a quinta questão: “você considera importante a disciplina Geografia?”. A maior parte dos alunos respondeu “não”, sem justificativa.

Nesse sentido, Cavalcanti (2003) considera que as razões principais para não se gostar de Geografia podem ser analisadas a partir de dois pontos, em que, primeiramente, há um descontentamento quanto ao modo de trabalhar a Geografia na escola. Em segundo lugar, percebem-se dificuldades de compreender a utilidade dos conteúdos trabalhados. Esses dois pontos, embora estejam intimamente ligados ao ensino de Geografia, não focalizam propriamente o conteúdo da matéria ou o conhecimento geográfico enquanto tal. Esses dois pontos discutidos pela autora podem justificar o motivo desses alunos não gostarem das aulas de Geografia.

Araújo (2009) considera que toda disciplina tem a sua importância no contexto da educação. Nesse sentido, a educação geográfica proporciona ao estudante a compreensão de mundo, adotando como escala uma perspectiva global, mas também representa uma possibilidade de compreender o seu entorno, o seu local de moradia, as relações que se estabelecem entre o global e o local, e vice-versa. Através da Geografia podemos entender diversos fenômenos que ocorrem no espaço e todas as modificações, através do cotidiano local como também global.

A sexta questão indagou dos alunos: “qual a sua dificuldade em relação a aprendizagem dos conteúdos de Geografia?”. A maior parte dos alunos afirmou que não tem dificuldades nos conteúdos, apesar das respostas anteriores demonstrarem claramente a existência de dificuldades. Outros alunos não responderam nada com

relação a essa questão. Na relação ensino e aprendizagem o professor deve buscar conhecer as dificuldades existentes e procurar soluções.

A questão seguinte: “você gosta do método utilizado pela professora para trabalhar os conteúdos geográficos? Justifique”. A maior parte dos alunos respondeu que sim, justificando que a professora explica bem.

O professor deve inovar sempre os seus métodos utilizados em sala de aula, buscando desenvolver aulas mais atraentes e interessantes para despertar a curiosidade e interesse dos seus alunos, tornando assim as aulas mais agradáveis e com significado para os discentes. Dessa forma, o professor alcança seus objetivos como educador. O docente deve sempre procurar relacionar a prática com a teoria na sua atuação profissional, facilitando a aprendizagem de seus educandos.

De acordo com Pimenta (2005, p. 24), o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação, considerando que a reflexão teórica “dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os docentes compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais”.

A oitava questão buscou obter dos alunos: “para você como deveriam ser as aulas de Geografia?”. Para essa pergunta, muitos alunos responderam de forma variada, com destaque para a resposta do aluno 2: “as aulas de geografia poderia ser legal, com mais aulas de campo, vídeos e jogos”. A aluna “C” respondeu que “as aulas poderia ser mais interessantes”. Nota-se nas respostas dos alunos que eles não querem mais aulas com textos e atividades, eles querem novidades nas aulas.

Os conteúdos da disciplina de Geografia oferecem possibilidades para o professor trabalhar em suas aulas de diversas formas. Alguns exemplos: aulas de campo, vídeos, filmes, músicas, fotografias, observação do pátio da própria escola, entre outros. O ensino da Geografia deve propiciar aos alunos uma melhor compreensão do espaço geográfico.

A nona questão foi de grande contribuição para essa análise. A questão objetivou dos alunos que escrevessem com suas próprias palavras o que entendiam de paisagem.

A décima questão estimulou os alunos a observarem a paisagem da escola e construírem uma descrição. Nessa questão, a maioria dos alunos destacou apenas a estrutura física da escola, como nas respostas em destaque: Aluna 3 “é grande tem muitas salas de aula, dois banheiros e muitas outras coisas”; aluna D “mostra muitas paisagens”.

A partir das respostas desses alunos, é possível constatar que tanto os alunos da turma A como da turma B apresentam muitas dificuldades em relação à disciplina e seus conteúdos, e que para adquirir um entendimento do que ocorre no espaço geográfico é necessário possuir um certo conhecimento das categorias, para melhor compreender a geografia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada proporcionou maior entendimento acerca da forma como o professor do ensino fundamental desenvolve o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental; especialmente em relação ao conceito paisagem no ensino da Geografia, e, mais especificamente, como os alunos do 5º Ano, da Escola Dr. Jarismar Gonçalves de Melo, estão apreendendo a categoria paisagem nos conteúdos escolares estudados.

Os fundamentos abordados nos capítulos iniciais mostraram a importância do conceito paisagem no ensino da Geografia. Assim, o estudo foi desenvolvido no sentido de auxiliar na concepção de como a categoria paisagem auxilia as pessoas na sua relação com o mundo. No qual a paisagem permite ao leitor ter várias interpretações do espaço, o que depende do olhar e percepção de cada indivíduo.

Na pesquisa, foram desenvolvidas várias discussões em torno da categoria paisagem para o ensino fundamental nos anos iniciais do ensino fundamental, no sentido de que este trabalho possa auxiliar o profissional de ensino nos estudos da paisagem, para de fato ter uma aprendizagem significativa e valorizada.

Por conceber que a leitura da paisagem se faz necessária no ensino, sobretudo nos anos iniciais, entende-se que o professor deve estar capacitado com as noções de alfabetização geográfica, que ajuda o aluno a conhecer e compreender as diversas transformações que ocorrem no espaço e são representadas através das paisagens, subsidiando a aprendizagem geográfica.

Entende-se que os elementos que constituem a paisagem são marcantes na aprendizagem geográfica, pois servem para entender a relação dos mesmos, facilitando para a construção de raciocínio do espaço geográfico.

A relação entre o conceito de paisagem e os conteúdos escolares de Geografia pode ser concebida na possibilidade de facilitar a alfabetização geográfica, na medida em que encontra na capacidade intuitiva do aluno, terreno fértil para a abstração e a construção de conceitos que poderão favorecer o aprendizado posterior de outros conteúdos da disciplina geográfica.

Conforme os PCN (BRASIL, 1998), os conteúdos selecionados devem permitir o desenvolvimento do papel de cada um na construção de uma identidade com o lugar em que vive, com a nação brasileira e até mesmo com o mundo, valorizando os aspectos socioambientais que caracterizam seu patrimônio cultural e ambiental. Devem permitir, ainda, o desenvolvimento da consciência de que o território nacional é constituído por variadas culturas, povos e etnias, desenvolvendo atitudes de respeito às diferenças socioculturais que marcam a sociedade brasileira. A seleção dos conteúdos deve considerar ainda as categorias de análise da própria Geografia, buscando delinear um trabalho a partir de algumas categorias consideradas essenciais, como, por exemplo, a paisagem, que permite identificar a singularidade do saber geográfico.

Nesse sentido, a paisagem desempenha o importante papel de despertar as percepções intuitivas dos alunos, gerando subsídios para a apreensão empírica dos conteúdos relacionados às paisagens que são trabalhados pelo professor. A contextualização dos temas ligados às paisagens apresenta a vantagem de facilitar a internalização dos conteúdos ministrados pelo professor.

Os PCN considera ainda a importância dos conteúdos serem estudados de modo a promover a compreensão, por parte dos alunos, de como as diferentes sociedades estabeleceram relações sociais, políticas e culturais que resultaram em uma apropriação histórica da natureza pela sociedade. É preciso considerar que os alunos estão desenvolvendo processos cognitivos de conhecimento do mundo em níveis mais elevados de abstrações. Por isso, poderão ser selecionados conteúdos com temas que permitam a construção de raciocínios mais complexos sobre o tempo e o espaço. Nessa etapa da escolaridade, os alunos desenvolvem formas de comportamento em que começam a definir um critério mais independente de se relacionar com as pessoas e os lugares.

Feitas estas considerações, considera-se a aplicação dos questionários na pesquisa foi fundamental para proporcionar uma noção sobre o conceito paisagem trabalhado nas salas de aulas pelos professores, como também o conceito formado ou criado pelos alunos a partir do entendimento gerado pela abordagem do professor.

Dessa forma, a presente pesquisa contribui para favorecer o entendimento da relação dos saberes já citados em que a importância da categoria paisagem no ensino

requer uma atenção maior, pois observar, ler, analisar e interpretar a paisagem se faz necessário no ensino, principalmente nos anos iniciais, e saber utilizá-la de maneira eficaz no ensino da geografia é de grande relevância, pois permite a compreensão do espaço através da paisagem e de suas transformações, para a formação de indivíduos críticos na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico**: ensino e representação. – 15. ed. 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos e KAERCHRR, André Nestor (Org). **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, p. 33–55, 2011.

ALBUQUERQUE, M. A. M.; FERREIRA, J. A. S. (Orgs.) **Formação, Pesquisas e Práticas Docentes**: reformas curriculares em questão. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. 496p.

ARAÚJO, Raimundo Lenilde e RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Matriz Construtivista e Ensino de Geografia na Escola. **Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2009.

ASARI, Alice Yatiuo; ANTONELLO, Ideni Terezinha; TSUKAMOTO, Ruth Youko (org.) **Múltiplas Geografias**: ensino – pesquisa – reflexão. Londrina: **Edições Humanidades**, 2004

BOLIGIAN, L.; ALMEIDA, R. D. A transposição didática do conceito de território no ensino de Geografia. In: GERARDI, L. H. O (Org.). **Ambientes: estudos de Geografia**. – Rio Claro : Programa de Pós-graduação em geografia – UNESP; Associação de Geografia Teorética – AGETEO, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução**. – 3. ed. – Brasília : MEC, v. 1, 1998.

CALADO, F. M. O ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 12-20, jan./jun., 2012.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia**. Práticas e Textualizações no Cotidiano. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000. p. 83-131

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CASTELLAR, S. M. V. **Educação Geográfica**: a psicogenética e o conhecimento escolar. Agosto, 2005.

CASTRO, Iná Elias de. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, 2002. 226p. p.121-140 (Coleção Turismo)

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.); CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. – 3.ed. – Porto Alegre: mediação, 2000. 173p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2004. 192 p.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 099-114, maio/ago., 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 167-186.

CORRÊA, R. L.; ROSENDALL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. – 2ª ed. - Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2004.

COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DIAS, A. G.; MARÇAL, M. P. V. A representação das paisagens nos livros didáticos de Geografia: um estudo sobre suas contribuições no processo de ensino aprendizagem. **Revista Perquirere**, v. 10, n. 1, pp. 33-56, 2013.

DE MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.

FERRARA, Lucrecia d'Alessio. Os lugares improváveis. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, 2002. 226p. p. 65-82

FILENO, E. F. **O professor como autor de material para um ambiente virtual de aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FILIZOLA, R.; KOZEL, S. **Teoria e prática do ensino de Geografia**. 1ª ed. – São Paulo: FTD, 2009.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

GOMES, E. T. A. Natureza e Cultura: representações na paisagem. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org). **Manifestação da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico**. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. – 5. ed. – São Paulo : Atlas, 2003.

LESANN, J. **Geografia no ensino fundamental I**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. – 6. ed. – São Paulo : Cortez, 2008.

MACIEL, A. B. C.; MARINHO, F. D. P. O estudo da paisagem e o ensino da geografia: breves reflexões para docentes do ensino fundamental II. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 2, n. 4, pp. 55-60, ago./dez., 2011.

MARTINS, S. S. **Geografia e paisagem na escola**: a imagem como recurso didático para a construção de novos saberes. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira (PB), 2011.

MILAGRES, V. R. **Paisagem e efeitos do turismo**: uma abordagem perceptiva com os moradores do Distrito Taquaruçu, Palmas (TO). Dissertação (mestrado em Ciências do Ambiente), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2009.

MILAGRES, V. R.; SOUZA, L. B. Ensaio sobre a paisagem e o turismo: uma viagem além das disciplinas. **Revista Geografia (Londrina)**, v. 21, n. 1, p. 037-063, jan./abr., 2012.

MYANAKI, J. **A paisagem no ensino de Geografia**: uma estratégia didática a partir da arte. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MUSSOI, A. B. **A fotografia como recurso didático no ensino de Geografia.** Guarapuava – PR, 2008.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, pp. 163-186, dez., 2010.

NUNES, Celso. A paisagem como teatro. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Paisagem e Turismo.** São Paulo: Contexto, 2002. 226p. p.215-223 (Coleção Turismo)

OLIVEIRA, A. U. (Org.) **Para onde vai o ensino de Geografia?** – São Paulo, 9ª ed., 3ª reimpressão : Contexto, 2010.

OLIVEIRA, A. U.; BRABANT, J. M.; VESENTINI, J. W.; VLACH, V. R. F.; SANTOS, D. CARVALHO, M. B.; MORAES, A. C. R.; WETTSTEIN, G. **Pra onde vai o ensino de Geografia?** 6. ed. – São Paulo: Contexto, 1998.

ORTEGA, A. M.; PELOGGIA, A. U. G.; SANTOS, F. C. **A literatura no caminho da história e da geografia.** 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** 2ª ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2011.

PESSOA, R. B. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2007.

PIMENTA, S. G. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2000.

POZZO, R. R.; VIDAL, L. M. O conceito geográfico de paisagem e as representações sobre a ilha de Santa Catarina feitas por viajantes dos séculos XVIII e XIX. **Revista Discente Expressões Geográficas**, Florianópolis (SC), n. 06, ano VI, p. 111-131, julho, 2010.

RAMOS, M. G. S. **A importância dos recursos didáticos para o ensino da Geografia no ensino fundamental das séries finais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2012.

RODRIGUEZ et al. **Geoeecologia das paisagens:** uma visão geossistêmica da análise ambiental. – 2. ed. – Fortaleza: Edições UFC, 2007.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e geografia. **Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 37-53.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3. edição. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SANTOS, L. (Org.); DALBEN, A.; DINIZ, J.; LEAL, L. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: currículo; ensino de educação física; ensino de geografia; ensino de história; escola, família e comunidade**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SANTOS, Marcio Pereira. **O espaço humanizado, a paisagem humanizada e algumas reflexões sobre a paisagem em São Paulo no século XVIII e XIX**. 2006, 192 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: **A Formação Social como Teoria e como Método**. São Paulo: Boletim Paulista de Geografia, n.54, jun., 1977.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002. 384p.

SIEWERDT, Teresa. **A paisagem em Ana Mendieta: distância, fissura e vestígio**. Florianópolis, Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Artes Plásticas/UDESC, 2007.

SILVA, M. R. **O ensino-aprendizagem das categorias geográficas nas séries iniciais do ensino fundamental no município de Riacho das Almas-PE**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SILVA, M. S. F.; SILVA, E. G. O ensino da Geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos. **VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, São Cristóvão-SE, setembro, 2012.

SILVEIRA, F. S.; EICHLER, M. L.; DEL PINO, J. C. Utilização de paisagens em contexto escolar: uma proposta para o ensino de química. **XI Encontro Nacional de Ensino de Química (XV ENEQ)** – Brasília, DF, julho, 2010.

VESENTINI, José William. A questão do livro didático no ensino da Geografia Novos caminhos da Geografia. In: **Caminhos da Geografia**. Ana Fani Alessandri Carlos

(organizadora). 5.ed., 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2007.

VESENTINI, J. W. (Org.); VLACH, V. R. F.; RESENDE, M. M. S.; OLIVEIRA, C. D. M.; PONTUSCHKA, N. N.; LACOSTE, Y.; FOUCHER, M.; GIBBIN, B.; RETEILMON, C. RETEIMON, M. **Geografia e Ensino: textos críticos**. – 11. ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1989.

VIEIRA, D. S. L. **Paisagem e imaginário: contribuições teóricas para uma história cultural do olhar**. Revista de História e Estudos Culturais, Recife, v. 3, n. 3, jul./ago./set., 2006.

VILA, Rosalina Pena i. Paisaje y educación ambiental. In: **Manual de Cienciadel Paisaje**. Teoría, métodos y aplicaciones. Aleu, S.A., Barcelona, 1992. p. 221-232.

VITTE, A. C. O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 06, n. 11, 2007.

VLACH, Vânia Rúbia F. **Geografia em debate**. Belo Horizonte : Lê, 1990. 104 p.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**; tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YÁZIGI, Eduardo. A importância da paisagem. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, 2002. 226p. p.11-27 (Coleção Turismo)

APÊNDICES

APENDICE - A

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

01 Defina paisagem.

02 Você, como educadora, procura relacionar o conteúdo paisagem com a realidade do aluno?

03 Quais são os métodos e procedimentos que você utiliza para trabalhar esse conteúdo?

04 Você utiliza o livro didático, como seu único instrumento de trabalho?

05 Você sempre procura mostrar as diferença entre as paisagens, de forma que o aluno consiga entender?

06 Você apresenta o conceito pronto sobre a paisagem ou tenta fazer com que eles falem o que já sabem sobre a paisagem, e a professora junta as palavras de cada um e forma o conceito?

07 Qual a sua formação? Quais são as dificuldades encontradas para trabalhar os conteúdos desta área?

08 Nas atividades, os alunos copiam a resposta do livro, ou não? Porque?

09 Você faz a análise dos conteúdos do livro, para saber se há algum erro antes de trabalhar?

10 Você considera a categoria paisagem importante para a ciência geográfica? Justifique.

APÊNDICE – B

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DO 5º ANO

01 O que é a paisagem?

02 Porque a paisagem muda?

03 Quais são os elementos que compõe uma paisagem?

04 A paisagem é apenas o que podemos ver?

05 A paisagem é apenas o “belo”?

06 O homem interfere na paisagem?

07 O homem faz parte da paisagem?

08 Diferencie a paisagem natural da paisagem humanizada.

09 Quais são os elementos visíveis e invisíveis que aparecem nas paisagens?

10 Descreva a paisagem de sua escola.